

MEMÓRIA

DA IMPRENSA

Edição nº 9 | setembro 2025 | www.abi-bahia.org.br



Associação
Bahiana de
Imprensa

Anízio Carvalho

1930-2025

“Eu arriscava minha
vida por uma foto”



ENTREVISTAS | Almiro Lopes Nascimento,
Ana Maria Vieira Santos, Anna Lúcia Veras,
Manoel Canário e Paulo Setúbal

ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA
DA BAHIA

FIRME NO *Trabalho* PRESENTE NO *Cuidado*

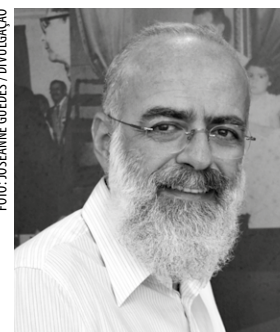
Nosso estado é grande.
É sertão, cerrado, capital, litoral.
E cada canto tem um jeito de
viver, de falar, de precisar. Pela
Bahia e pelos baianos, a ALBA
se reinventa todos os dias. Abre
espaço para escutar mais, estar
mais perto, resolver mais. Isso a
gente faz com trabalho moderno,
ágil e conectado. Porque legislar
é assim, transformar a escuta
em atitude e o compromisso em
política pública.

al.ba.gov.br



Palavra do Presidente

FOTO: JOSEANNE GUEDES / DIVULGAÇÃO



Ernesto Marques
Presidente da Associação
Bahiana de Imprensa

SAIDEIRA!

O projeto MEMÓRIA DA IMPRENSA é o pai desta revista e nasceu quase 20 anos atrás, por uma provocação de Agostinho Muniz, com apoio do então presidente Samuel Celestino, ainda nos anos 2000. Em sua primeira iniciativa no audiovisual, a ABI produziu um documentário sobre Jorge Calmon, pouco depois de ele se despedir do comando da redação do A TARDE. A tarefa coube ao saudoso Roberto Gaguinho, também diretor do segundo filme encomendado pela ABI, já sob a presidência de Walter Pinheiro, sobre o “Pena de Aço”, deixando um registro precioso sobre o titã João Carlos Teixeira Gomes.

Então diretor de Comunicação da ABI, o experiente jornalista e documentarista Válber Carvalho imprimiu sua marca na direção do “episódio” sobre Florisvaldo Mattos e isso rendeu à Casa não apenas um filme, mas um depoimento riquíssimo de cerca de 6 horas de conversas com a participação de colegas que conviveram com Flori. O tesouro a justificar o investimento da entidade, que ainda não buscava os editais, era o material bruto, a integralidade do depoimento. Foi um divisor de águas.

Mas o tempo não para e perdíamos capítulos preciosos da história da imprensa baiana a cada colega que partia ou tinha as memórias comprometidas por questões de saúde associadas ao envelhecimento. A certeza óbvia da finitude se impôs ameaçadora em 2020, quando assumimos a presidência da ABI em plena pandemia chorando perdas importantes.

Ousamos empreender e daí surgiu a revista. Com o orçamento de um documentário finalizado, seria possível gravar pelo menos 30 personagens para o desejado banco de depoimentos.

Seriam apenas 3 edições e, se estamos na 9ª, é porque miramos no que víamos e acertamos o que não vislumbrávamos.

Deficitária nas 3 primeiras edições, MEMÓRIA DA IMPRENSA se mostrou viável como produto editorial na 4ª edição, comemorativa dos 93 anos da ABI. Vinculamos a ela, uma programação com 7 debates sobre temas quentes, começando pelo combate à violência contra jornalistas, direito autoral, assédio judicial e diversidade nas redações.

A partir daí, ajustamos o projeto editorial para a revista MEMÓRIA DA IMPRENSA se credenciar como veículo trimestral impresso, oficial da primeira entidade da comunicação baiana. Em vez de 10, optamos por 5 entrevistas a cada edição e abrimos espaço a artigos de opinião com diferentes abordagens sobre um mesmo tema; inserimos textos sobre imprensa regional e uma seção fixa de ensaios fotográficos. Decidimos que cada edição seria mesmo um acontecimento. Um bom pretexto para provocar o que já não se vê nas redações: jornalistas de diferentes gerações se encontrando para discutir a profissão e celebrar a vida!

O projeto comercial de 5 edições se completa com esta, a minha saideira, lançada no mesmo setembro em que renovamos esta nossa primavera, agora com uma jornalista liderando uma diretoria com jovens e veteranos compartilhando a missão de projetar a ABI para o seu segundo século de existência efetiva e marcante.

Com este número 9, acumulamos 58 entrevistas e cerca de 180 horas de gravações com 2 câmeras em 4K. Temos um verdadeiro tesouro em condições de se desdobrar em mais revistas, livros, monografias, teses e dissertações, além de produtos audiovisuais com qualidade até para as telonas.

Até a próxima!

Apresentação



Biaggio Talento
Editor

Lembro-me de uma das inúmeras saídas com Anízio Carvalho para fazer matéria no Jornal da Bahia, anos 80. Eu, um “foca”, ele já um repórter fotográfico veterano consagrado. O carro do jornal passava lentamente pela Avenida Sete, trecho do Relógio de São Pedro, e, no jardim ao lado, havia um cartaz anunciando a exposição de um fotógrafo. Pergunto a Anízio se ele o conhecia: "Claro!", respondeu-me. Perguntei mais uma vez: “E onde ele trabalha?”. “Esse aí é famoso demais para conseguir um emprego”, respondeu, gargalhando com sua fina ironia. Uma figura. Anízio era maior que o colega da exposição.

Aprendi com ele tanta coisa circulando pelas ruas e vielas de Salvador... Em outra ocasião, quando fomos a uma invasão fazer matéria sobre o vandalismo contra um terreiro de candomblé, em meio aos escombros ele apontou logo: “Olhe ali a quartinha do santo quebrada”. Mais tarde, de volta ao jornal, me explicou, com toda a paciência do mundo, o que era uma “quartinha” e como o ataque àquele objeto sagrado representava um sacrilégio para as religiões de origem africana. Só quem teve o privilégio de tê-lo como colega de redação pode avaliar o que fazia a profissão de jornalista tão encantadora no passado, apesar dos inúmeros problemas a enfrentar. Anízio era um daqueles fotógrafos que sempre se dispôs a orientar os repórteres. Fazia isso com prazer. Acho até que se sentia obrigado a isso.

Foi fiel à sua profissão desde que começou como laboratorista no estúdio de Leão Rozem-

berg, ainda adolescente, e não surpreende o fato de sempre ter trabalhado num único diário: o Jornal da Bahia. O consolo de sua partida foi a vida longa que teve e as imagens incríveis que deixou. Ele contou sua trajetória com detalhes ao projeto MEMÓRIA DA IMPRENSA da ABI-Bahia, um exemplo para quem pretende navegar pelos mares turbulentos do jornalismo dos dias presentes. Acho que a famosa fala da personagem Norma Desmond do clássico “Crepúsculo dos Deuses” (“Eu sou grande. Os filmes é que ficaram pequenos”), fita de Billy Wilder, caberia para definir a trajetória de Anízio: ele sempre foi grande, os jornais é que ficaram pequenos.

A nossa revista se associa às homenagens ao ícone do fotojornalismo, dedicando a presente edição a ele. Acrescentamos, neste número 9, cinco veteranos da comunicação da Bahia, dando continuidade ao projeto iniciado em 2022 (o depoimento de Anízio abre a edição 1 da revista): o fotógrafo Almiro Nascimento, conhecido como Maguila, *expert* no registro de ocorrências policiais, enfrentando situações extremamente perigosas; Ana Maria Vieira, repórter que precisou de muito jogo de cintura para cumprir pautas e criar os dois filhos, inaugurando o *home office* na imprensa baiana; Anna Veras, a garota-propaganda que se tornou apresentadora nos primórdios da TV; o radialista Manoel Canário, uma lenda da radiodifusão baiana; e Paulo Setúbal, cartunista, ilustrador, chargista, que conta como transitou em todas as editorias dos principais jornais de Salvador.

Sumário

EXPEDIENTE

Conselho Editorial da ABI
Ernesto Marques, Jaciara Santos, Luis Guilherme Pontes Tavares e Florisvaldo Mattos
Coordenação de Comunicação: Joseanne Guedes
Coordenação Editorial: Ernesto Marques e Jaciara Santos
Estagário de Jornalismo: Caio Valente
Editor: Biaggio Talento
Projeto Gráfico, capa e diagramação: Bamboo Editora
Foto da capa: Paula Frôes
Revisão: Guido Guilherme Krieger
Impressão: Gráfica JB

Tiragem: 1.500 exemplares
Distribuição Gratuita
Contato: ascom@abi-bahia.org.br

MEMÓRIA DA IMPRENSA é uma revista histórica da Associação Bahiana de Imprensa que apresenta depoimentos de decanos da comunicação no estado e suas contribuições para o desenvolvimento da mídia nos últimos 70 anos, revelando as peculiaridades e momentos marcantes da atividade jornalística ao longo do tempo. As opiniões, dados, fatos e conceitos expressos nas entrevistas e artigos são de responsabilidade exclusiva de entrevistados e articulistas e, necessariamente, não expressam a posição da revista e da Associação Bahiana de Imprensa.

Agradecimento

Esta edição contou com as colaborações do jornalista Bruno Wendel e do arquivista Milton Luiz Cerqueira da Silva, ambos do jornal Correio*, que enriqueceram com informações preciosas a entrevista do fotojornalista Almiro Lopes (Maguila). A eles, um agradecimento especial da equipe editorial.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Antônio Walter dos Santos Pinheiro
Vice-Presidente: Sérgio Augusto Soares Mattos
Secretária: Heloisa Sampaio
Suplentes:
Wilson Midlej
Raimundo Vieira

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Ernesto Marques
1º vice-presidente: Luis Guilherme Pontes Tavares
2º vice-presidente: Suely Temporal
1ª secretária: Amália Casal
Diretor de Finanças: Antônio Matos
Vice-diretora de Finanças: Sara Barnuevo
Diretora de Defesa DI/DH: Mara Santana
Diretor de Cultura: Nelson Cadena
Diretor Social: Nelson José de Carvalho
Diretor de Patrimônio: Raimundo Marinho
Diretora de Comunicação: Jaciara Santos
Suplente: Luiz Fernando Lima

CONSELHO CONSULTIVO

Titulares:
Suzana Alice Pereira
Joaci Góes
Emiliano José
Suplentes:
Jolivaldo Freitas
Luiz Nova

CONSELHO FISCAL

Titulares:
Simone Ribeiro
Pedro Daltro
Romário Costa Gomes
Suplentes:
Valter Xéu
Valber Carvalho

CONTATOS

Assessoria de Comunicação:
☎ 71.98791-7988 - ascom@abi-bahia.org.br
Secretaria:
☎ 71.98426-1460 - secretaria@abi-bahia.org.br
Administrativo:
71.98425-9463 - administrativo@abi-bahia.org.br

ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE IMPRENSA

Rua Guedes de Brito, nº 01, Edif. Ranulfo Oliveira,
2º andar, Centro Histórico de Salvador - Bahia
CEP 40.020-260



Entrevistas

Almiro Lopes Nascimento	6
Ana Maria Vieira Santos	18
Anna Lúcia Veras	26
Manoel Canário	36
Paulo Setúbal	42

Homenagem

Anízio Carvalho	52
-----------------------	----



FOTO: JOSEANNE GUEDES

Almiro Lopes Nascimento, o Maguila, foi carregador, plantador de grama e vendedor antes de se tornar um dos principais repórteres fotográficos da Editoria de Polícia em Salvador. Aprendeu a revelar filmes e fotografar com seu mentor, o fotógrafo Jorge de Jesus, que o indicou para trabalhar como laboratorista no jornal Correio da Bahia. Sem formação escolar, aprendeu a profissão na prática diária do jornal. Optou pela Editoria de Polícia, que era o “patinho feio” das redações, e começou a se destacar obtendo ângulos diferenciados ou usando artifícios

pouco comuns como preparar certas cenas de algumas matérias. Maguila sempre gostou de chegar primeiro aos locais de crimes. Foi ele que identificou como um “menino evangélico” o corpo de Lucas Terra, descartado pelos assassinos num terreno da Avenida Vasco da Gama. Viveu situações perigosas na tarefa de conseguir as melhores imagens, como conta neste depoimento sobre sua vida, marcado por forte emoção que o levou às lágrimas em vários momentos. Registro conduzido por Kau Rocha, com as participações de Berna Farias e Jaciara Santos.

‘Tenho consciência de como *fui importante na formação de vocês [jornalistas]* e de como vocês foram importantes na minha’

Maguila, onde você nasceu e como você chegou ao jornalismo?

Nasci em 1962, no Subúrbio de Plataforma, Salvador. Comecei a trabalhar novo, aos 15, 14 anos. Fui carregador na Estação Ferroviária, na lancha, travessia Ribeira - Plataforma. Até [que conheci] um casal em Plataforma. E comecei a ajudar esse pessoal nas compras e mercadorias, pois eles trabalhavam, não tinham tempo para nada. Passei a conviver com eles no dia a dia. Lavava carro, me tratavam muito bem. Como eu era de uma família pobre, para mim era melhor estar lá com eles do que em casa ou na rua, pois tinha uma alimentação adequada, um meio de vida melhor. Moral da história: um belo dia, ele, repórter fotográfico da sucursal do jornal O Globo, no Comércio, me convidou a abrir uma foto [estúdio fotográfico] e vender revista. Topei e comecei a ter um lugar fixo para ficar. De casa ia de ônibus pegar as revistas na Rua da Independência, em que ficava a distribuidora, e as levava ao Comércio. Depois, do Comércio, com as revistas no ombro, subia o Elevador Lacerda, descia a Ladeira da Praça para ir andando até a Independência. Fazia isso todos os dias, porque tinha de trocar as revistas. Quando ele abriu a foto, disse: “Você vai trabalhar no laboratório comigo, mas

a princípio toma essa máquina e vai fazendo umas fotos, que quero ver como se sai”. Comecei a ir à rua e *tome-lhe* fazer foto. Depois, me ensinou a revelar: “Enrole o filme aqui em espiral, no escuro, vai enrolando. Volte! Tá montado”. Então botava no revelador e deixava lá. Ligava o relógio. Cinco minutos. Fiquei um ano nessa até que ele me deu uma máquina 6 por 6. “Você vai fazer o seu primeiro casamento”, disse. Rapaz, a suadeira bateu! Era na Igreja de Pirajá. Todo mundo me olhando e alguém disse assim: “Esse menino que vai fazer as fotos?”. Porra, aí que o mundo desabou. O que estou fazendo aqui? Vou embora. Fui “visitar” um bar, para ter uma certa coragem [e pedi ao dono]: “Meu irmão, me dê uma ‘quente’ aí, a bola de fogo que você tiver.” Ele respondeu: “Tem uma erva-doce aqui”. Eu disse: “Venha para cá”. Pronto. O medo foi expulso. Bateu a suadeira, mas fiquei lá. Comecei a fazer a foto. Moral da história: depois da igreja, fomos à invasão de Pirajá. Sem energia. Como é que vou fazer as fotos? Já estava escurecendo. A foto principal era da família dentro de casa com o bolo sendo cortado, aquela tradição. Eu disse: Só há um jeito. Tem vela?”. Alguém respondeu: “Tem uma vela aqui”. Respondi: “Arrume todo mundo. Você acende a vela, vou fazer o foco. Quando fizer o foco, vou dizer

‘apague.’ Então você assopra e fica parado’. Assim foi feito. Foram as melhores fotos que fiz na minha vida. No escuro. Sem iluminação nenhuma. De lá para cá, perdi o medo de tudo.

Você “puxou” o filme ou usou um filme mais sensível?

Não. A gente que trabalha em laboratório tem uma noção de luz. Eu estava com uma lente 28 milímetros e abri toda ela. E usei um *flash* fraco. Mas a compensação dava na abertura. Foi assim. Rapaz, aquela paranoia de querer ver. Pô, quando vi, exclamei: “Ave-Maria!”. Eu me embriaguei! Foi muita alegria. Quando vi chegando a imagem, velho. Nunca havia visto aquilo na minha vida. No revelador, vai aparecendo a imagem... Menino semianalfabeto, vim estudar já depois de adulto praticamente, só o básico. Parei no segundo ano. Bom, então fiquei fazendo casamento, 3x4, revelando, passei a tomar conta do Foto. Para minha mãe era porreta. Ela também era analfabeta, veio do interior. Não me queria [perambulando] na rua. Depois que esse pessoal me conheceu, foi um alívio para ela. Jorge de Jesus era o repórter fotográfico, e sua mulher, Dona Josefina, professora, são meus pais adotivos. Agradeço muito a eles o que sou hoje. No segundo filho deles, resolveram dar um basta no laboratório fotográfico. Fiquei desempregado. Fui trabalhar de vendedor na Calçada, depois fui plantar grama em Patamares, inclusive o cara me contratou e não me pagou. Houve um dia em que fiquei pirado. Levei um rango, feijão, numa lata de leite Ninho, porque não tinha marmita. Sentei com a peãozada para almoçar e a lata “pum”! O feijão é uma bomba atômica! Rapaz, fiquei o dia todo sem comer. Resolvi não plantar mais grama e me piquei.

Com que idade?

Ia fazer 18 anos, entre 1981/82. Mainha falou com um vizinho que trabalhava no [Supermercado] Paes Mendonça. Havia uma vaga no Porto Seco, de ajudante de depósito. “Eu quero”, falei. Fiquei igual à formiga lá. [Carregando] Sessenta, cinquenta quilos, tudo na cabeça. A época em que eu mais sofria era quando chegava o arroz. Quem descarregava as sacas do caminhão eram os funcionários da casa. Rapaz, havia dia em que o couro parecia que ia cair na cabeça. E milho era pior, que vinha das roças, às vezes vinha a mais no peso. Então, pegava cem quilos, assim, de boa. No fim de 83, Jorge de Jesus, estava como chefe de laboratório e fazia rua também, no jornal Correio da Bahia. E perguntou se eu queria trabalhar no laboratório do jornal. Não pensei duas vezes. Doido para me livrar daqueles pesos! Ele disse: “Olha, só tem uma coisa. Você vai ganhar menos”. A metade. Vamos supor de mil, ia ganhar quinhentos. Mas, em compensação, não ia pegar peso. “Você quer?”, ele perguntou. Respondi: “Quero!”. De



FOTO: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

◀ O estúdio fotográfico na Praça São Brás, Plataforma, montado pelo fotógrafo Jorge de Jesus, primeiro trabalho de Maguila.

manhã, ia para o Paes Mendonça, não tirava a roupa. Então, os caras questionavam: “Não vai trabalhar não?”. Eu respondia: “Rapaz, não vou não.” Quando dava meio-dia, eu ia ao refeitório, almoçava. E me picava para o jornal. Fiquei quase um mês nessa. Então fui ao RH, falei com um *brother* chamado Raimundo: “É o seguinte, arrumei um negócio melhor e estou precisando que vocês me demitam.” Ele respondeu: “Não posso demitir, você não fez nada para ser demitido, a não ser que você bagunce”. Eu disse: “Quem me botou aqui não merece que eu bagunce. Então, veja o que tenho direito [de receber] e me liga, que não aguento mais.” Ele então falou: “Vou conversar aqui”. E me liberou. Pronto. Fui para o jornal, onde encontrei duas figuras, Guilherme [Oliveira Silva] e Edson. Dois pinguços. Quando cheguei, Guilherme já “em águas” e Edson dormindo bêbado. Então, Guilherme diz: “Vem aqui, que vou apresentá-lo”. A redação era uma mesa, todo mundo sentado. Um fumando, outro dando nome [xingando], outro não sei o quê. E a mesa, no meio, com o editor, Seu Reis [Walfredo Girard Reis], e Armando [Tortelli], chefe de diagramação. “Venha ver aqui como é o serviço”, ele me chamou. Fui ao quarto escuro. Daqui a pouco, do lugar do recipiente de revelar filme, Guilherme, tirou um litro de cachaça e perguntou: “Vai?”. Respondi: “Não, fique à vontade. Meu Deus, que lugar é esse? Desculpa eu perguntar, mas aqui não é para revelar filme?”. E ele: “É, mas isso é para na hora em que os homens vêm aqui, porque há um *cagete* que diz que a gente está trazendo cachaça, quando eles vêm, a gente bota aqui dentro e tampa. Aqui se revela filme, se eles forem abrir, vou dizer: não abram, que vai

Edifício Ranulfo Oliveira

Ícone da arquitetura modernista no predominantemente barroco Centro Histórico de Salvador, o Edifício Ranulfo Oliveira, sede da Associação Bahiana de Imprensa, foi construído graças à obstinação do então presidente da ABI que deu nome à edificação e ao engajamento de toda a sociedade baiana.

A ABI investiu quase R\$ 1 milhão para modernizar as instalações elétricas e hidráulicas e para instalar sistemas de combate a incêndio e de proteção contra descargas atmosféricas. A segurança em primeiro lugar!

Até o centenário da ABI, em 2030, a modernização chegará às fachadas, incorporando tecnologias sustentáveis para recompô-las. O Ranulfo Oliveira vai chegar aos 70 com um corpinho de 30.



queimar os filmes”. Então comecei a revelar filme e fazer foto. Um belo domingo, eu sozinho, entra uma moça: “Cadê o laboratorista?”. Eu: “Pois não”. Ela diz: “Toma aí, revela rapidinho para mim”. Perguntei ao boy, Bozó [Milton Luiz Cerqueira da Silva]: “Quem é essa criatura?”. Ele respondeu: “Rapaz, é a filha do homem e ande logo, que daqui a pouco ela está aqui”. Revelei o filme dela, para a coluna “Gente”. Só da sociedade. Porra, altos e baixos. Eu não sabia quem tinha feito as fotos. Quando comecei a fazer, era 12 por 8 o tamanho das fotos, para ir para a coluna, ela bate na porta: “Cadê as minhas fotos?”. Respondi: “Um momentinho!”. Puxei a cortina para não velar as fotos. Abri a porta, ela foi ao laboratório, fechou a porta, ficou lá dentro comigo. Ela bulindo nas fotos, depois limpava na minha camisa e saía. Então me diz ela: “Daqui a pouco venho buscar”. E quando ela entrava – dona Ana [Magalhães] –, Seu Reis, dizia: “Pare tudo para fazer as fotos dela!”. Foi aí que vim a saber mesmo da potência dela. Revelava as fotos, rapidinho levava na sala e ela ouvindo música e tomando um uisquezinho. Depois ela disse: “Olha, porque limpei na sua camisa, vou lhe dar outra”. Respondi: “Muito obrigado”. Voltei e disse: “Bozó, ela disse que vai me dar uma camisa.” Ele comentou: “Ela é assim, gente boa”. Toda vez que ela chegava com filme, só me procurava porque eu era muito rápido. No fim do ano, me deu presentes: camisa, carteira. Era assim.

Como começou a fotografar no Correio?

Jorge, na época, perdeu o cargo de chefe do laboratório e entrou Luiz Hermano [Abbehusen]. Só que antes eu já fazia umas fotozinhas, quando era época de eleição, ACM [o ex-senador Antonio Carlos Magalhães] recebendo os convidados dele do interior, os vereadores, candidatos, e às vezes não havia fotógrafo. Ele perguntava: “Pô, quem vai fazer a foto agora?”. E dizia: “Maguila, tem como você fazer essa foto?”. E eu respondia: “Tenho”. Nunca dizia não. Porque aprendi assim, não diga não. Vá e faça. Jorge me ensinava isso. Antes de a galera ir embora, já levava as fotos. Hermano sempre gostava de me dar umas partes mais difíceis. Sei lá, me testando. Houve um dia em que, por volta de 10 horas da noite, já perto de ir embora, aconteceu um atropelo na [rodovia] BR-324. “Maguila, pega a máquina para fazer esse atropelo!”, ele disse. Fui à BR procurar o acidente. No posto rodoviário de Simões Filho, o cara me disse que foi perto de Valéria, mas o corpo tinha sido retirado. E Luiz Hermano me falou que tinha de trazer a foto de qualquer jeito. Cheguei a Ailton [motorista] e disse: “Você vai ser minha vítima, meu cadáver.” Peguei um bocado de jornal e lhe falei: “Deite aí, cara. Bote logo o farol do carro nessa direção. E você vai se deitar aqui, vou fazer a foto. Vou lhe cobrir de jornal para todos os efeitos.” Não é que deu certo? No outro dia, a foto lá: “Vítima de atropelo na BR”.

Nessa época, você já era Maguila?

Não. Havia um repórter lá chamado Bougê [João Borges]. Torcedor do Vitória doente. Botava apelido em todo mundo. Um domingo cheguei cedo e ele já estava lá. E o lutador Maguila estava no auge. Quando entrei, ele bateu logo o olho em mim e me disse: “Ih, vem Maguila ali! Ô, você é Maguila!”. Então começou esse apelido. De 84 para cá veio esse apelido de Maguila. Era Bozó, Esquível, Aranha [os apelidos]. Então era uma coisa muito boa, a convivência na redação. Aprendi muito. Uma coisa também: eles não levaram fé em mim. Eu trouxe a foto de uma Lavagem do Bonfim. Eles me deram uma máquina sem fotômetro, sem nada e disseram: “Porra! Você vai fazer a chegada de ACM!”. Nunca tinha fotografado ACM em lavagem. Pense, aquele sol de meio-dia, chovia e parava. Quando eu focava em ACM, aquela nuvem vinha e escurecia. Rapaz, *tome-lhe* foto, pá-pá-pá. Cheguei ao jornal: “E aí, cadê a foto do homem?”. Já havia Gildo [Lima], Fernando Amorim, Carlos Catela. Só feras. E justamente a foto que foi para a capa foi a minha, velho. Porra! Os caras: “Qual é a desse laboratorista, rapaz?”. Jorge chegou e falou a Seu Reis: “Dá uma chance a Maguila”. Na época, mandaram-me fazer um teste no Senai da faculdade do Canela. Teste de fotografia e laboratório. Matei a pau. Foi nessa ocasião que consegui tirar meu registro de repórter fotográfico.

Como você chegou à Editoria de Polícia?

Uma das áreas que ninguém gostava de fazer era polícia, porque não rendia, porque a maioria dos colegas focava muito na capa. Outra parte interessante,

▼ *Cobrindo confronto entre manifestantes contrários à Copa do Mundo no Brasil e a Tropa de Choque da PM, na Avenida Joana Angélica.*



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



◄▲ *Maguila fazia o enquadramento a depender do assunto como no caso de crianças vítimas de abuso sexual acima e encarcerados ao lado.*



▲ *Detalhe dos tornozelos dos presos atados com corda.*



◄▲ *Flagrantes de detidos em corredor de delegacia e resgate de helicóptero do Grupo Aéreo da PM.*

mandaram fazer política. Os caras mentiam pra caramba. Não me dei bem. Eu disse: “Não me mandem fazer mais política”. Então me mandaram fazer *rock*. Pô, sou mais do lado do *reggae*. Era mais tranquilo. Não me mandem fazer essas festas de *rock*. Zoad pra caramba e tarde da noite. Disseram: “Então você vai fazer futebol”. Domingo eu ia lá [no estádio e chamava um jogador]: “Ô fulano!”. E me diziam: “Peraí, não posso dar entrevista agora não. Vamos para o vestiário”. Homem como a porra lá, nu, e eu no meio, olhando os caras tomando banho, porque antigamente era assim, você ia ao vestiário e chamavam os caras para dar entrevista. Os caras tiravam onda. Eu me retei. Comentei no jornal: “Rapaz, é o seguinte: quem bota esses caras lá em cima é a gente da imprensa. Eles deviam nos tratar melhor. E outra, esse negócio de ficar vendo homem nu não é meu papel, não”. E me responderam: “Então você vai fazer polícia”. Respondi: “Está porreta”. Foi de 84 até 2019, só polícia. Então a gente mudou de editoria, chegou uma empresa de fora, ouvidoria, que ia ampliar as

páginas do jornal e o pessoal que veio de fora veio com outra visão. Passaram a dar mais atenção à polícia, porque de vez em quando uma foto ia para a capa, às vezes abria uma foto grande e a matéria. Por causa disso, me sacrificaram esses anos todos. Eu trabalhava todos os domingos e feriados. Era o castigo que eu tinha. Mas também nunca chiei.

Quem era o editor nessa época?

Passaram vários. O primeiro foi Reis, editor-chefe. Em polícia ficou dividido, porque veio [Luiz] Muniz, que era o pernambucano.

Reis que fazia esporte e polícia. Depois entrou Muniz.

Muniz era o editor de polícia, mas gostava de ir para a rua, ele começou a fazer um programa na TV Bahia, uma vez por semana, ele saía comigo no carro. Era um repórter no qual hoje vejo a diferença. Dos repórteres de hoje, ninguém escreve. Pelo contrário. Muniz era um cara que chegava aqui, vinha com a

lauda na mão e a caneta. Acho que ele só perguntava o nome e a idade para não esquecer. Mas o resto ele lembrava tudo. Hoje você não vê ninguém escrevendo, tudo é no gravador. Eu dizia assim: “Muniz por que você não grava?”. Ele passou a usar um gravador por baixo da lauda e escrevendo. Porque, se perdesse a gravação, tinha no papel. Hoje você não vê isso. Você vê mais repórter de gravador, quase que não fala, nem olha para a câmera.

Que outras histórias de polícia você tem para contar?

Houve uma história com uma repórter chamada Bárbara [Rodrigues]. O sequestro de um ônibus [Viação São Matheus] em Conceição do Coité [em 6 de julho de 1989]. Fomos designados para ir lá. Os assaltantes dentro do ônibus com reféns. Dei um rolê assim para ver um ângulo melhor. Quando eu me viro, cadê Bárbara? Perto do ônibus. O cara [assaltante] chamando-a para entrar. E eu: “Bárbara, não! Pelo amor de Deus, não entre! Para quê?”. Era o mesmo que dizer “entre!”. Ela entrou no ônibus. O cara fechou a porta. E agora? Vou avisar o jornal, mas vou dar um tempo para ver se ela sai. E nisso vai passando o tempo. Daqui a pouco ela me chama: “Maguila, entra aqui enquanto vou passar a matéria e volto!”. Eu falei: “Qual é, Bárbara?”. O cara estava exigindo o repórter, o prefeito, o médico, não sei quem, se eu entrasse só ia reforçar. “Bárbara, não vou entrar, não”, disse eu. Quando vou saindo de perto, não sei como foi, a escopeta de um PM escapuliu, caiu no chão e disparou. Ela gritou dentro do ônibus. Os caras começaram a dar tiro de dentro para fora. Os policiais dando de fora para dentro. Foi uma onda que nunca vi na minha vida. Acho que caiu a ficha dela. Cortaram a energia da praça. Liguei para o jornal para avisar a situação, procurei um lugar para me sentar e fiquei esperando. Resumindo, quando amanheceu, os caras resolveram sair. Na fuga, se homiziaram na casa de um sítio na estrada. Bárbara queria entrar também na casa dizendo que ela não ia deixar os policiais matarem os caras. Loucura. A sorte é que quando ela tentou passar pelo arame farpado, se enganchou toda, então a pegaram. Bom, fiquei em um ponto estratégico. Havia um milharal já crescidinho. Os policiais: “Bora, meu irmão, saia! Ninguém vai atirar, não!”. Daqui a pouco saiu o primeiro correndo pelo milharal, pá-pá-pá [tiros], você via os milhos caindo e o cara... O outro estava no quarto com o refém: “Saia, meu irmão”, gritaram. O cara foi pular a janela e “pum”! Fui acompanhando. E havia coisas que eu via que não podia fotografar, que os caras [policiais] pediam que não fizesse. A gente veio para o jornal, Luiz Hermano ainda me deu uma suspensão, porque disse que eu havia deixado ela entrar no ônibus.

O quê?

Ele me deu uma suspensão. Sei que Bárbara chegou e não conseguiu escrever nada. Esqueceu. Fi-



◀ *Flagrante de parto na calçada do Complexo Policial dos Barris*



◀ *Detalhe dos pés de delegado assassinado na Estrada da Cascalheira, Camaçari.*

Passaram a dar mais atenção à polícia, porque de vez em quando uma foto ia para a capa, às vezes abria uma foto grande e a matéria. Por causa disso, me sacrificaram esses anos todos. Eu trabalhava todos os domingos e feriados. Era o castigo que eu tinha. Mas também nunca chiei.



FOTO: JOSEANNE GUEDES

[Jorge de Jesus] sempre dizia: “Antes de você começar a fazer qualquer foto, observe a área, o que é que você quer da foto. Precisa ir para lá, botar o pé lá.”

cou uma semana sem trabalhar. Parece que deu um branco nela. Moral da história: ela saiu do jornal. Na última vez em que vi Bárbara, ela tinha conseguido abrir um restaurante, um negócio assim. Ela deixou o jornalismo. Foi uma das experiências que eu tive. Alcancei pessoas serem executadas. Não via serem executadas, mas sabia que iam ser e terminava depois sabendo. Ou eu fazia o jogo, ou poderia ir também no meio, tá ligado? Nunca me corrompi com o negócio de dinheiro. Mas às vezes eu fazia vista grossa [em casos de execução].

Quais as fotos que mais o marcaram?

Uma que me chamou a atenção foi a morte de um delegado federal [Clayton Leão, titular da 18ª Delegacia/Camaçari]. Na [Estrada da] Cascalheira [em 26 de maio de 2010]. Ninguém teve acesso a fotografar. Fui na minha, sutil, e consegui fazer a foto dele por baixo da perna do “polícia”. Só a metade dele com a perna na viatura, sem identificar. Ele estava deitado no carro. Consegui dar na capa, na época. E houve um ano também, isso tem bastante tempo, no Dia Internacional da Mulher [8 de março de 1988], uma moradora de rua teve uma criança em frente a uma delegacia [Complexo Policial dos Barris]. Gêmeos! A primeira vez que vi um parto, ao vivo.

Toda a sua vivência é do Correio?

Do Correio. Então, o que aconteceu? Veio mudando a geração de editores, o pessoal que veio de fora vem com uma visão diferente e passou a dar mais valor às minhas fotos. Foi aí que tive mais espaço. Mas havia uma repórter que passou a ser chefe da página de polícia. Foi da minha pior época. Ela não gostava de

negócio de polícia. Havia uma página para polícia, ela usava metade. Eu dava um pau da zorra, 5, 6 de matéria, 8 com foto de polícia. Ela só dava uma. Jogava meus trabalhos todos na gaveta. Às vezes, de uma página ela usava metade, de outra metade ela usava um quarto. Era assim, dos meus trabalhos, tudo ia para a gaveta: os negativos, os contatos.

Polícia é a melhor editoria para você...

Ah, houve umas ondas assim que eu que criei. Por exemplo, na época, o pessoal não dava muita foto, só dava foto de revólver assim, deitado. Eu comecei a ter acesso [nas apresentações] à maconha, à arma, então eu dobrava aquele saco, suspendia a maconha e as pistolas, comecei a botar em pé. Eu botava em primeiro plano a pistola, porque os outros não buliam, eu bulia!

Você montava o cenário?

Montava o cenário. Houve uma vez em que um colega nosso, Paulo Neves, entrou na sala e disse: “Humm que cheiro bom!”. Com aquele jeito dele [risos], disse: “Venha cá, aquilo ali é mesmo para quê? É... deixa eu botar na sacola alguma coisa” [risos]. E levou, pai! Houve uma onda que fiquei com medo. Porque todo dia eu estava na delegacia. Então tinha medo de ser preso. Porra, quando é um dia, estou eu esperando um repórter chegar. Perguntei: “Cadê o repórter?”. E me responderam: “Foi preso, velho. Quase meio quilo de maconha dentro do carro. Ele vinha da praia, curtindo o som. Daqui a pouco, em frente ao [Hospital] Sarah, uma blitz. Ele de sunga, ia para o jornal se trocar lá.” Daqui a pouco o telefone toca: “Maguila, venha aqui para a [Delegacia de] Tóxicos”. Perguntei: “O que foi rapaz?”. E me responderam: “Seu repórter está preso”. Quando cheguei lá, está o [delegado] Itamir Casal. Doutor Itamir, dia de domingo em casa, foi chamado para quebrar a dele. Não autou em flagrante não, mas deu um sabão: “Como é que você faz um papel desse? Você faz matéria a semana toda de tráfico e você agora é traficante? O que é que eu deveria fazer com você!?” Os caras olhavam para mim: “Seu colega é maconheiro”. Todos os dias, parecia que foi comigo! Diziam: “Aí ó, se fosse um ‘polícia’, você fazia foto!”

Passou por situações perigosas?

Houve um assalto a banco no Comércio e os caras entraram onde é hoje a estação do metrô no Retiro, em cima, era o Morro do Águia, na parte de baixo, matagal. Vi a morte nas costas ali. Entrei atrás, os PMs, o pessoal da Furtos, tudo em cima. Os caras com malote [de dinheiro] e tudo mais. Só que houve uma hora em que, procurando, vejo um malote no chão. Estou vendo o PM olhando para mim. Só que ele olhava para mim e olhava para o malote. Eu olhava para o malote e olhava para ele. Eu com a máquina. Ficou aquele impasse. Eu fiz logo a foto. Então disseram: “Ó galera, tem alguma coisa aqui!”

Rapaz, faltou o chão, imaginei morrer ali. Imaginei duas coisas: ou ele vai me chamar para o jogo, ou vai me matar e levar a parada. Foi uma coisa rápida que fiz e me saí. Quando vou me deslocando, havia um buraco – tipo poço artesiano – e dois caras lá embaixo. Os caras, “pau”! Então não quis nem saber mais, o coração já estava a mil, eu pensei no PM [que viu o malote].

Nessas situações mais perigosas, houve alguma ameaça concreta que você tenha sofrido?

Não. Mas já houve assim, de dizer: “Velho, não faça, senão você vai...”

E você fez?

Fiz. Houve um caso aqui na Rua Ruy Barbosa em que os caras meteram [o produto de] um assalto em cima dos telhados. Um fotógrafo amador foi pegar dinheiro. Eu estava no outro prédio. E ele foi, igual a gato, pegar o dinheiro, ficou catando dinheiro. Gritei: “Porra, ó para lá! O fotógrafo pegando dinheiro!”. Quando desci, vinha o cara preso com [o policial] Pedro Charuto, que eu fotografei. E mais uns dois lá. Então, um disse assim: “Maguila, não faça não! Volta, volta, volta!”. Voltou com o cara. Daqui a pouco só ouvia a porra cantar! “Ele tá armado, ele tá armado!”, gritaram. Pá-pá-pá [tiros]. Daqui a pouco, sai com o cara parecendo um saco de aniagem, o sangue [escorrendo]. Olhei assim, pô, sacanagem, mataram o cara.

Hoje em dia repórter e fotógrafo usam colete à prova de balas.

Nunca usei esse negócio, não havia não!

Mas não houve nenhuma situação em que você tivesse de sair vestindo um?

Houve de marginal, quase morro! Uma chacina no Boqueirão, de sábado para domingo, [o motorista] Marilton [Santos] estava comigo. Cheguei ao pé de uma escada, quando puxo o mato, chegaram dois caras, um com um [revólver] oitão, 38 e o outro com uma pistola niquelada. “Ô, véi, o que você está fazendo aqui? Você é polícia?”, perguntaram. Rapaz, olhei e disse assim: “Não, que polícia, sou do jornal”. Ele: “Nada, meu irmão! Você é polícia, velho”. E botou o revólver em minha cara. Respondi: “Não sou polícia, sou do jornal, ó o carro ali. Marilton, venha!”. E ele: “Nada, meu irmão, já mataram meus parceiros, você vai também!”. Mas isso o cara com sangue no olho e o outro em pé assim. E eu: “Rapaz, pelo amor de Deus, estou dizendo que sou do jornal, só vim aqui para querer ajudar”. Ele perguntou: “Ajudar? Como é que você vai ajudar?”. Respondi: “Você tinha de fazer com quem fez isso com seus parceiros”. Aí tirou a arma de minha cara. Fui recuando, entrei no carro, o cara disse: “Vaza, meu irmão!”. Eu disse: “Saia devagar, porque se você sair acelerado, eles vão dar [tiros]”. Chegou lá em cima, o motorista Marilton não andou mais para lugar nenhum, com tremedeira. Eu levei o carro até a 7ª Delegacia.

Você tem fotografos que são referência para você?

Na minha área aqui era pouco. Pelo contrário. Eu soube depois que muita gente se baseou em mim. Entendeu? Quase ninguém me dava ideia de nada.



◀ Maguila e colegas durante o registro para o projeto Memória da Imprensa.

Fui pegando, assim, e quem conversava comigo era Jorge. Ele sempre dizia: “Antes de você começar a fazer qualquer foto, observe a área, o que é que você quer da foto. Precisa ir para lá, botar o pé lá”. E assim fui fazendo, mesmo porque a gente não tinha muito espaço em termos de condições de trabalho. Eu mesmo não tinha. Então, era o filme rebobinado que se usava, não era o filme original. Eram 24 chapas para você fazer tudo. Vou ver o ângulo que quero, primeiro plano, 3 chapas, está bom. E era isso que eu fazia. Quando cortava meu filme lá, guardava algumas pontas. De dez, sobravam seis, cinco, porque é o tempo que você botava na máquina para rebobinar. E comecei a armar meu cenário para fazer uma coisa diferente dos outros.

Maguila, você falou aqui que não teve muito estudo. Queria que você falasse da sua relação com os repórteres. Se tinha dificuldade com repórter que fez curso de jornalismo.

Sinceramente, na minha área, sempre procurei ajudar, dar ideias. Não me metia, assim, direto. Cada qual eu deixava à vontade. Agora, pedia licença e dava ideia. Sempre procurei tratar todo mundo por senhor ou senhora. Nunca procurei ousadia com nenhuma delas. Olha, quando chegar, fale isso, pergunte assim. Procure fulano. Porque, às vezes, o responsável está aqui, você tem de ir a ele. Às vezes, você vem aqui, o cara não gosta. Próxima vez, se você vem para ele, ele vai lhe travar. Seja amiga, entendeu? Às vezes, ficava com vergonha até do jeito como se apresentavam. As pessoas não tinham modos. Como é que você vai a uma sala de delegado, chega e se senta na quina da mesa do delegado!? Vai pegando nas coisas, não pede permissão. Acho que tem de ter respeito. Eu me dava bem por isso. Porque sempre perguntava: “Posso lhe dar ideia?”. Para não querer ser melhor do que ninguém. Dizia: “Olha, você está começando, quer uma opinião minha? Vá por aqui, que isso e isso”. E depois tive o agradecimento de muitas delas.

O que lhe dá mais saudade da redação?

A amizade de vocês. Puta que pariu. O meu meio eram vocês. Porque era um meio alegre. Hoje sinto falta. Costumo dizer que estou esquecido. Todos nós, quando nos aposentamos, somos esquecidos. São poucos amigos que ligam. Parece que o pessoal acha que a gente morreu. Se pintar um trabalho, ninguém [lhe avisa,] diz: “Ah, não chame não, que fulano não vai querer. Está aposentado”. Eu ligo para os colegas, quase ninguém liga para mim. Entendeu? São poucos. Então, a redação, por mais que eu tivesse qualquer problema cá fora, de família, nunca cheguei lá para... Pelo contrário, me sentia fortalecido para retornar para casa, para o problema. Tenho de agradecer muito, porque dava muita risada. Nunca levei meus problemas para a área de trabalho.

Falando dessa relação que você tem com a gente como repórter, como você se sente por ter participado da nossa formação?

Tenho consciência de como fui importante na formação de vocês [jornalistas] e de como vocês foram importantes na minha. O que aprendi, agradeço a vocês. Por outro lado, houve um lance muito triste. Não vou citar o nome de uma colega, que é fotógrafa, que chegou para um editor-chefe e foi cobrar salário. Disse que não havia motivo para ela ganhar o mesmo que eu ganhava. Maguila não tem estudo, não fez faculdade. Ela tinha feito faculdade, veio com equipamento bom, e a resposta que o editor deu foi a seguinte: “Quando eu estava na Gazeta de São Paulo, meu melhor fotógrafo era semianalfabeto, então, você está achando que vejo você melhor do que Maguila? Em nada. Pelo contrário”. Ela se calou. O outro, foi um editor, Antenor Pereira, que para chegar aonde chegou, teve de derrubar, “traíragem” dele, que eu presenciava. Disse que não sabia por que, quando começaram a ganhar mérito, dar mérito a mim. Perguntou o que um sem-cultura estava fazendo ali. Engoli isso de boa. Esse sem-cultura ficou e ele foi embora. Quer dizer, houve essas duas coisas que me magoaram. Eu não era de me meter na [vida] de ninguém. Sempre procurei fazer o meu. O pouco que aprendi cá fora, aprendi mais com vocês no dia a dia.

Como aposentado, ainda fotografa?

Só para os amigos. Faço algumas fotinhas de celular, máquina mesmo, a minha está lá defasada, encostada. Porque hoje acabou esse negócio de fotografia. O celular fala mais alto. O que era Cosme e Damião, ou Romeu e Julieta, virou só Julieta ou só Romeu. Não há mais a dupla para fazer uma assessoria. Você faz a foto com o celular, escreve aqui mesmo e aqui mesmo você envia. Desempregou muita gente.

E a qualidade, que você acha do resultado final?

Olha, há celular que está melhor do que máquina. A resolução hoje dos celulares está surpreendente.

Queria que você falasse da sua experiência como fotógrafo do DPT [Departamento de Polícia Técnica], como perito.

Doutor Luiz [Eduardo] Dorea, jornalista [e perito criminal], era diretor do DPT e fez uma seleção para 12 a 15 fotógrafos trabalharem lá, pelo Reda [Regime Especial de Direito Administrativo]. E me inscreveu sem eu saber. Um belo dia, estou no jornal, o telefone bateu: “Maguila, é Dorea, cadê você? Tem de comparecer aqui amanhã, sem falta”. Perguntei: “Por que, doutor?”. Respondeu: “Você está inscrito aqui para trabalhar”. Quando chego, três delegados querendo saber por que não compareci lá, disseram: “Você pode ser preso agora, porque já vai fazer um mês, seu dinheiro já vai sair. E você nem aqui apareceu”. Respondi: “Ninguém me avisou nada, não sei o quê”.

Ficaram olhando para mim, dando risada e explicaram: “Olha, amanhã você vai à Pituba fazer esse exame, aí já começa”.

Quando foi isso?

Em 2004. Fui à Pituba, fiz exame médico. Moral da história: três dias depois recebi dinheiro sem dar um prego [risos]. Resumindo o trabalho, local de crime, eu chegava lá e diziam: “Você só pode gastar uma chapa por assunto”. Eu já trabalhava com a digital, e lá era [máquina] analógica ainda. Você só faz a foto quando pedirem. Havia o perito técnico, o perito criminalista e o perito técnico de fotografia, que era eu. Um que vira o corpo, que é o técnico, aponta os lugares para fazer a foto. E o outro com a prancheta anotando só a exposição, os locais alvejados, essas coisas. Só que, nas minhas fotos, comecei a mudar. Procurava um lugar mais alto para fazer. Porque, quando você chega, tem de fazer logo uma panorâmica. E disso o pessoal começou a gostar. Quando venceram os dois anos [do Reda], pensei que iria embora, mas me seguraram mais dois anos lá.

E você ficou no jornal e na perícia?

É, porque lá no DPT era plantão.

O que a fotografia lhe deixou de legado na vida, tanto no DPT quanto no jornalismo mesmo?

Tanto de redação como de rua, as coisas que fui vendo, fui aprendendo a lidar com elas, a aceitar certas coisas, ter um temperamento diferente. E vendo esses crimes, o sofrimento do próximo faz com que a gente reflita um pouco antes de tomar qualquer atitude. Houve um depoimento recente de uma colega nossa, Margarida Neide, que conta que se baseava muito no meu trabalho. Então isso para mim é gratificante pra caramba.

Como foi aquele episódio da agressão da PM numa manifestação no Iguatemi?

Vamos começar por um Carnaval. Antes daquela manifestação. Havia um encontro na Secretaria de Segurança Pública que era para o arrastão de policiais disfarçados na multidão. Resumindo, os policiais se infiltravam nos blocos. E quando alguém fazia um furto ou ele reconhecia o bandido, prendia. Então vinha um amarrado ao outro. Só que um policial, Aderbal Cerqueira, prendeu um ladrão no Relógio de São Pedro. Esse ladrão escapuliu da mão dele.

Nisso veio a tropa da PM, de seis a sete policiais. Quando vê aquilo, pensa que é uma briga. Então começam a bater tanto na polícia como no vagabundo. Eu ia seguindo, para dar o flagrante, comecei a fotografar. O PM “bafou” minha máquina. Eu: “Calma, rapaz”. E o policial Aderbal gritando: “Sou polícia, porra, sou polícia”. Eles não queriam saber, sentaram a madeira e quebraram a minha máquina. Eu com a camisa do Correio em que estava escrito “Carnaval”. Moral da história: vai todo mundo para o Plantão Central. Fui para a 1ª delegacia, delegado, um gordinho, gente boa. Conteí a ele o que aconteceu. Dei queixa e tudo. Pagaram minha câmera. Na greve de que você me fala do Iguatemi, quando a polícia está quebrando o cara no pau que fui fazer a foto, ele apontou para mim. E aí, pá! Ah, rapaz, aquilo começou a me doer, ele deu outro, só pegou um, mas doeu mesmo, cara.

Bala de borracha?

Bala de borracha. Se fosse de verdade, eu não estaria aqui contando a história não. A galera começou a noticiar. Houve outra situação, na greve da Polícia Militar em que eles fecharam o Centro Administrativo. Quando decretaram a greve, todos com as armas para cima, eu sozinho fiz essa foto, que eles nem esperavam. Foi capa do jor-

nal. No outro dia, estava a PM toda procurando saber quem era Almiro Lopes. Não era para ter saído aquela foto.

E hoje, o que você diria a alguém que quer iniciar a vida profissional como fotojornalista?

A profissão da gente mudou muito. Poucos estão indo aos lugares, estão usando mais telefone, não estão presencialmente em certas matérias. Você tem de procurar se especializar mais no dia a dia, indo ao local para ver as coisas.

Só para encerrar, valeu a pena? Você faria tudo de novo?

Aprendi muito. Faria tudo de novo e melhor do que fiz. Porque hoje há mais recursos, entendeu? Vou contar a última. Sabe por que esse nome “Porreta”? Porque havia um repórter, Valmir Palma. Quando entrei no jornal, já o conhecia. Aprendi também com ele o seguinte: “É bom você chegar aos lugares, ouvir mais e falar menos”. Ele ficava na secretaria [de Segurança Pública]. Quando você achava que ele estava dormindo, estava ouvindo a porra toda. No outro dia, a matéria lá no Jornal A Tarde. Perguntavam: “Quem contou isso?”. Ele respondia: “Oi, como é que tá? Porreta!” [risos]. ■



FOTO: JOSEANNE GUEDES

Tanto de redação como de rua, as coisas que fui vendo, fui aprendendo a lidar com elas, a aceitar certas coisas, ter um temperamento diferente. E vendo esses crimes, o sofrimento do próximo faz com que a gente reflita um pouco antes de tomar qualquer atitude.

SÉRIE Lunar

Temporada 2025

15/10
Quinteto de Sopros da UFBA
(com percussão e narração)

05/11
Grupos de Cellos da UFBA
Coordenação: Suzana Kato

04/12
Recital de Harpa
com a harpista
Alice Emery

19h Entrada gratuita

Auditório da ABI
Rua Guedes de Brito, 1
Praça da Sé - Salvador



Associação
Bahiana de
Imprensa



Escola de
Música da
UFBA



FOTO: JOSEANNE GUERDES

Ana Maria Vieira Santos resistiu a uma das rotinas mais estafantes vivenciadas pelo jornalista de passado recente: trabalhar em redação de jornal diário, cujo salário era sofrível, necessitando completar a renda atuando em outros dois empregos. Foi repórter, assessora de imprensa e professora. Oriunda de uma família humilde e numerosa, nasceu em Salvador, passou a infância no sertão baiano, criada pela avó e, quando voltou à capital baiana para estudar, cumpria a rotina de milhares de

alunos pobres, vencendo a distância da casa para a escola a pé. Queria ser médica, mas formou-se em pedagogia. Depois fez jornalismo e somente quatro anos depois de formada começou a trabalhar no Jornal da Bahia, transferindo-se em seguida para o A Tarde, onde ficou 25 anos. Ao longo de sua jornada, teve de administrar o trabalho com a criação dos dois filhos. Ela conta sua história neste depoimento a Kau Rocha, que contou com as presenças de Ângela Barreto, Antônio Matos e Jaciara Santos.

Tinha de ter *muita habilidade* para *saber perguntar, saber escrever*, uma coisa hoje que está *comprometida*’

Como foi sua infância?

A palavra que marca minha infância e adolescência é a pobreza, no mais alto grau. Minha família teve 14 filhos. Meu pai era funcionário público, ganhava pouco. Um dia, minha avó chegou a Salvador, se apaixonou por mim, me levou para o interior. Fui criada no sertão da Bahia, perto de Paulo Afonso. Quando voltei, estudava na Cidade Baixa, na escola Daltro Filho, que caiu, então me botaram no colégio Irmã Dulce. Todo dia ela vinha pegar a menininha para sair e pedir esmola. Então, andei pelas ruas pedindo esmola com a santa Irmã Dulce. É muita proteção. Estudei subindo a Ladeira do Funil, saía [do bairro] de Cosme de Farias para o Barbalho todo dia a pé. Quando terminei o ginásio, queria ser médica. Meu pai disse: “Você é muito pobre, vai fazer [o curso] pedagógico”. Porque o curso de professora garantia um emprego imediato. Segui os conselhos dele, cursei o pedagógico, fiz concurso, em 1970, e comecei a ensinar. Minha vida? Saía de manhã de *buzu* de Cosme de Farias para dar aula na Ribeira. Depois, pegava lotação no Largo da Ribeira, ia ao restaurante universitário almoçar e seguia para a faculdade. Então, até os 40 anos, trabalhei três turnos fechados. Porque logo em seguida entrei na assessoria pela manhã. No jornal, ia de meio-dia até final da tarde e à noite ensinava. Não foi de imediato que comecei no jornal. Em 1972, no último ano de faculdade, queria me casar, porque namorava há cinco anos. Entrei na LTB [Listas Telefônicas Brasileiras], empresa que fazia as páginas amarelas, como

auxiliar de mercadologia, excelente salário. Fiquei quatro anos, nunca pensei, mesmo tendo diploma, em fazer jornalismo.

E como foi sua entrada em jornal?

Com quatro anos na LTB, meu filho mais velho teve pneumonia grave com 1 ano. Achei que era hora de parar para ficar com ele em casa. Então, continuei ensinando à noite e durante o dia ficava com o filho. Quando ele fez 2 anos, coloquei-o na escolinha. E meu ex-marido, então marido, disse: “Quer voltar a trabalhar? Vá para sua profissão, porque é um turno só”. Ele achava que a jornada era de cinco horas, que entraria às 8 horas e chegaria em casa às 13. Ledo engano, né? Então, o jornalismo ajudou também a desfazer meu casamento, que durou 34 anos, por conta da loucura de viajar, dar plantão. E também segurei, porque havia o suporte para cuidar das crianças. Miguel Reis, jornalista, me levou para o Jornal da Bahia, que foi uma grande escolinha, onde tive grandes mestres. Emiliano José, [José Carlos] Teixeira, Tasso Franco. Entrei completamente “zerada”, porque não tinha nem teoria, nem prática. Primeiro dia saí para fazer matéria numa invasão. Quando vi aquilo, não consegui dormir, me impactou: “Como é que eu vou ser repórter?”, me perguntei. Vendo aquela miséria, a polícia e tal. Entrei exatamente em 1977, final dos anos duros da ditadura. E me lembro de uma cobertura que me marcou muito. O [governador] Roberto Santos ia dar uma coletiva, [porque] haviam fechado

o Congresso [dentro do chamado “Pacote de Abril”]. Lá vou eu fazer, sendo foca da Editoria de Cidades, assim, perdida, na política. Adorei a experiência e comecei a me animar. Tinha saído da LTB e entrei no Jornal da Bahia ganhando salário-mínimo. Perdi o de lá, que era um bom salário, mas queria. Fiquei um ano, tempo em que cumpri meu estágio. Então fui para o [jornal] A Tarde ganhando quatro vezes mais, que era uma coisa maravilhosa, mas saí aos prantos. O Jornal da Bahia era muito família. Quando cheguei ao A Tarde, [o editor-chefe] Dr. Jorge Calmon queria que eu fizesse [matérias de] Turismo. Eu ensinava à noite, como é que eu ia viajar? Então Zemário Luna disse: “Não tem problema, fico em Turismo e lhe dou a vaga de Cidade”. Pronto. Fiquei em A Tarde 25 anos. Saí com o PDV [Plano de Demissão Voluntária], quando [Ricardo] Noblat chegou. Continuei [como assessora] no Estado, onde fiquei 43 anos, me aposentei em maio de 2025 e continuei trabalhando, fazendo assessoria, porque uma das coisas que lamento no jornal é que a gente não tinha bons salários. Se tivesse, não precisaria ficar nessa correria. E outra coisa: você ia fazer uma cobertura, se você chegasse e passasse do seu horário? Pouco importava! Você que se virasse, comesse um lanche, não havia almoço, não havia nada, nem condição de trabalho. Chegava da rua e ainda precisava achar uma máquina que estivesse em condição de escrever. Fico olhando hoje como a gente prejudicava o meio ambiente. Rasgava 10, 20 laudas, jogava no lixo, cigarro, aquela poluição na redação. Muito insalubre, barulho. Uma vez fui ao médico, ele disse assim: “A senhora tem um processo de osteosclerose. Fique longe do barulho”. Mas logo depois veio a informatização e meu problema de audição não foi avante, porque acabou o barulho das máquinas.

Quando deixou o A Tarde?

Saí em 2003 e sinto muito, hoje, o que mudou no jornal, sinto falta daquele momento que a gente vivia, tão rico. A gente sentia que participava do processo, da sociedade, das decisões e muitas emoções. Tenho um projeto de escrever um livro de memórias, pretendo fazer um trabalho voluntário com crianças com câncer. Estou começando a trabalhar no projeto de uma oficina de redação para crianças com câncer.

Como era essa maratona de trabalhar no jornal, fazer assessoria, ter filho para cuidar? Lembra que você pegava a pauta, fazia matéria, passava em casa, fazia alguma coisa e batia a matéria. Você foi pioneira no *home office*.

Entre no jornal A Tarde dia 15 de abril de 78, dia 18, no mesmo mês, engravidei. Veja se isso não é um negócio que me deu insegurança, porque você pensa [como o patrão]: “Essa mulher veio para aqui só fazer filho”. O preconceito contra a mulher existia, mesmo grávida. Tive ameaça de aborto, e o médico me deu licença de uma semana. Acho que eu tinha uns três meses no jornal. Ia trabalhar de barrigão, aquela dificul-

dade. Reynivaldo Brito [chefe de reportagem], nesse aspecto, foi muito legal comigo, me dava muita pauta de congresso médico. Meu filho que estava na minha barriga hoje é médico. Não sei se foi lá a influência da vida intrauterina. Mas, mesmo durante a gravidez, passei uma experiência com [o fotógrafo] Carlos Santana. [Eliezer] Varjão era o chefe de redação, me deu uma pauta sobre as marisqueiras. Fomos para o Lobato. A gente começa a andar pelo manguezal, eu com barrigão, no meio do caminho, um cara avisa: “Voltem, que aí é um sumidouro!”. Eu já estava com a lama quase na altura das costas. Voltei apavorada. Então, era muito difícil ter de conciliar trabalho doméstico, filho. Quando o segundo filho nasceu, logo fiquei sozinha, sem babá, sem ninguém para cuidar. Botava [o filho mais velho] Fábio na Kombi para ir à escola, deixava [o mais novo] Camilo na casa da vizinha, morrendo de vergonha. Pegava a pauta e vinha para casa. Tinha uma máquina de escrever Olivetti, datilograva a matéria. Chico Neto dizia, com todo o seu bom humor, que eu trabalhava entre a lauda e o leite, dando mamada e escrevendo. Depois botava os dois filhos em um táxi, (morava em Brotas, pertinho do jornal) levava a matéria escrita em casa, voltava, esperava o marido chegar do Polo Petroquímico para ficar com eles e ir dar aula à noite. Nessa época, não trabalhava ainda como assessora, eram só o jornal e a escola. Mas foi muito difícil. Domingo, feriado, plantão, viagens. Ter de conciliar com filho é difícil. Você ter de segurar a onda, dar conta de tudo. O importante é que dei conta, cheguei e estou aqui viva.

Qual é a diferença entre o seu trabalho no Jornal da Bahia e no A Tarde?

O Jornal da Bahia era um jornalzinho pequeno em relação ao A Tarde. A gente chegava às coletivas: “A Tarde já chegou?”, perguntavam. Se não chegasse, não começava, havia aquela coisa da imponência, do respeito. É muito difícil estabelecer uma comparação. Mas o Jornal da Bahia era aquela coisa muito família, a gente descia na Barroquinha, comprava o pão, enchia de presunto, comia aqueles lanches coletivos, e também tive no Jornal da Bahia, por estar começando, muita orientação. Considero Emiliano meu grande mestre de jornalismo. Ele dizia: “Matéria não é assim não, vamos botar sal, vamos botar emoção”. Tenho um texto um pouco carregado na emoção e devo muito ao aprendizado. Meu primeiro chefe foi Anísio Félix. Depois peguei Emiliano José, que fazia a dupla com Teixeira, um de manhã e outro de tarde. E depois peguei Tasso Franco. No A Tarde, foi uma longa experiência, porque tive a oportunidade de viajar, jornalismo é a coisa viva. Uma vez fui com [a fotojornalista] Mara Mércia, no governo Nilo Coelho, até Pilão Arcado vendo a educação na Bahia como um todo e notei o caos que era. E ainda tive a experiência de fazer pauta, que era um trabalho interno, mas também exigia muito. Tinha de chegar de madrugada, no horário de verão, tudo escuro, para ler os jornais. Não havia internet. E digo todo dia: para



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



▲ Examinando resultado do trabalho.
◀ Numa canoa, cobrindo enchente.

◀ Entrevistando moradores de uma invasão.
▼ Posando junto com colegas.



▲ O telefone era pouco usado no jornalismo do passado. O normal era o repórter ir para a rua cumprir as pautas.



◀▲ As antigas redações dos jornais de Salvador, com máquinas de escrever, antes da informatização.

quem trabalha em jornal diário, qualquer outro trabalho é brincar em Disneylândia.

[Ângela Barreto] Dividi alguns momentos com Ana, nós somos colegas de ginásio. Depois a gente se reencontrou nas redações. Queria que você falasse do texto final e das coberturas, porque a gente tinha aquele apuro todo, tínhamos orientação. Na época, você tinha de ser mais criativo do que o colega numa coletiva, havia essa preocupação? E a gente que trabalhou em assessoria, passou a ver que as pessoas iam às assessorias em busca de *release*, que era uma coisa que o repórter jogava fora. Você também, como assessora, vê essa diferença da cobertura nos dias atuais? A gente hoje pega uma matéria e tem de ler dez vezes para entender onde é que está o *lead*.

Na nossa época, éramos muito exigidas. E acho que tem de ser assim, informação tem de ser uma coisa com muita seriedade, você tem um compromisso com a socieda-

de. Hoje, se você chegar ao jornal, botar lá no Chat GPT, dá até a matéria pronta. Mas a gente ia com o compromisso de não trocar nomes. Doutor Jorge [Calmon] demitia na hora, porque é uma coisa muito séria, o nome é a identidade da pessoa. No outro dia, a gente queria comparar, no caso da coletiva, sua matéria com os outros jornais. Quando chegava da rua, se tivesse de pesquisar, era uma pasta empoeirada do arquivo que você ia abrir para complementar alguma informação, não havia as facilidades que há hoje, é muito mais fácil; mas, por outro lado, muito mais superficial. O jornal impresso praticamente está extinto, é muito fraco. Por quê? A internet tem o seu lado, o mundo virtual é interessante, sim, mas hoje os jornais já estão se acabando e a gente vê que não existe mais a reportagem no sentido de a gente estar ali como sujeito participando, porque o repórter tem um olhar crítico, observador. Às vezes, a gente chegava numa cobertura que não tinha muita coisa, mas o olhar do entrevistado [dizia muito]. Nós te-

mos um espírito um pouco de detetive. Tínhamos de ter muita habilidade para saber perguntar, para saber escrever, que é uma coisa hoje que está comprometida. O jornalismo podia ter avançado se hoje estivesse indo para matérias mais investigativas, de análise, de passado, de cultura. Há um universo enorme que não é explorado. Repetir o que está no virtual não interessa, o leitor já viu tudo na palma da mão.

Você é leitora de jornal impresso?

Não. Outro dia meu irmão, no hospital, pediu-me que levasse uma revista Placar. Onde é que vou achar uma banca de revista para comprar um jornal, uma revista? Gosto de ler impresso. Livro, por exemplo, resisto até hoje. Ter o papel, folhear, botar o marcador, voltar. Nesse ponto, sou totalmente das antigas. Não leio livro em *tablet*, não me faz a cabeça.

Havia essa coisa de machismo nas redações?

Digo assim, de você avançar na carreira, de você pegar um cargo, na minha época não havia nenhuma mulher em chefia nem em editoria, acredito que devido ao machismo. Tive muitas colegas de muito preparo, mas que não ocupavam os cargos mais altos. Vejo machismo por causa disso. A mulher não ascendia na carreira de jornalismo.

[Antônio Matos] Reynivaldo era o chefe da reportagem. Varjão, subchefe. Então Reynivaldo assumiu a secretaria. Varjão foi para chefe de reportagem e, teoricamente, quem deveria ir para a subchefia era você, porque era pauteira e já trabalhava com ele. E foi esquecida, mas foi de uma grandeza fora do comum. Para mim, foi espetacular como pauteira, então o meu depoimento fortalece o que ela está dizendo, que as mulheres tinham poucas oportunidades na redação.

Se eu já estava fazendo um trabalho com a subchefia, a vaga seria a minha, mas não tive chance. Foram vinte e cinco anos, entrei repórter, depois de tudo, no máximo, fui pauteira especial, que me dava um acrescimozinho no salário.

Quando entrou na Faculdade de Jornalismo?

Em 72. Porque quando terminei o pedagógico, imediatamente fiz vestibular. E nem era para jornalismo, eu botei psicologia, ciências sociais. Jornalismo foi minha terceira opção.

Como é que foi sua vivência universitária? A Faculdade de Jornalismo era junto com a de Biblioteconomia?

Sim, lá no Canela. Havia a liberação sexual do pessoal naquela fase e eu toda reservadinha, com aliança no dedo, muito concentrada, aquele modelo de educação muito repressora. Tanto que meu pai dizia: “Só se casa quando se formar”. Hoje agradeço a ele. Todo mundo me achando linda e eu com aliança no dedo. Sempre gostei de escrever, porque meu pai, apesar de ter só o segundo ano primário, me ajudava no meu trabalho de faculdade, era autodidata. Fui criada no meio de muito livro, muita leitura, não é como essa geração de hoje, do Tik Tok, do Facebook. Mas gostar de escrever é uma coisa, ser jornalista é outra. Se você quisesse ver meu pai feliz, desse um livro a ele. Na biblioteca dos colégios, onde eu passava, tomava livro emprestado e levava para ele. Então, fui criada lendo muito. Adoro leitura e não acredito em quem não lê. É um princípio meu.

Nossos filhos e sobrinhos pensam que o jornalismo é uma profissão glamourizada pelo acesso direto com as celebridades do momento. Você percebe isso?

Hoje mudou muito. Esse *glamour* também está muito embutido nas mídias sociais. Ainda tenho o sonho de fazer uma pós em mídias sociais e meu trabalho vai ser em cima disso, da *glamourização*. Já tenho até o tema. Quando posto muita coisa na internet, às vezes, as pessoas não entendem, mas é com o objetivo de ser trabalho de futura pesquisa, já com essa intenção. Porque se colocar uma coisa importante, ouço: “Minha mãe, você quer escrever coisa importante, acha que alguém vai curtir?”. Agora, bote uma foto bonita, bote uma viagem, todo mundo vai curtir. E na imprensa isso acontece também, é o *glamour*. Quanto mais *glamour*, estar perto de autoridade, parece que tem, entre aspas, um orgasmo, estar perto daquele povo. E mudou muito, sabe? Eu acho que a gente não tinha essa relação. A gente tinha uma postura mais neutra em relação à fonte. A gente não tinha essa intimidade pernicioso, como hoje se tem com a fonte.

Qual foi o grande desafio, uma matéria que a tenha marcado?

Uma das matérias, das coberturas que mais lembro foi de chuva. Você sai perdido, sem saber o que vai acontecer. Estava voltando para o jornal, ouvimos no rádio: “No morro da favela na Federação, caiu uma barreira, morreu a família toda”. Cheguei lá, aquele horror de corpos estirados. A mãe estava no pronto-socorro do Canela. Cheguei à redação coberta de lama. Chico Neto me elogiou bastante. Sai do jornal à noite, porque você

tinha hora para entrar, mas não tinha hora para sair. Isso era muito desafiador, porque passar o dia sem comer comprometia a sua saúde. Realmente, acho que o jornalismo, como a gente fez naquela época, era uma profissão altamente desgastante.

Em relação a autoridades, sofreu algum tipo de pressão?

Não. Tive um problema, porque vivi o jornalismo em dois limites, o final da ditadura em 77, a democratização e o governo Lula em 2003. Vivi todos aqueles planos econômicos, Plano Cruzado etc. Fazia levantamento de preço, tinha uma relação dos produtos, os mercados e a variação de uma semana para outra. Calculava para ver quanto o produto aumentou e depois fazia uma análise. Fui à Casas da Banha [antiga rede de supermercados] e, quando chego lá, um cara disse assim: “Anoto os preços de menos, que depois eu acerto...”. Quando cheguei ao jornal, fiz a matéria, e o título foi “Casas da Banha cobra mais e tenta subornar o repórter”. Rapaz, o homem foi ao jornal virado no cão, Dr. Jorge me chamou e disse: “Ana Maria, não se preocupe, sei que você é uma repórter incorruptível”. Isso para mim foi uma coisa tão forte. Foi a única pressão que sofri de que me lembro.

Quando você começou a exercer a profissão, já era casada, tinha filho, como é que você lidava com a questão da boemia, que é típica da profissão de jornalismo?

Quando era possível, estava integrada. E a coisa da cervejinha, isso foi muito forte, abusei um bocado. Hoje sou abstermia, mas, na época do jornalismo, ele leva a isso mesmo, a própria atividade, você conseguir conciliar

é muito duro, é uma realidade muito cruel. Você vê muita miséria. Eu tenho a imagem de quando fui fazer uma matéria em Irmã Dulce, havia um menino que era igual [aos de] Biafra, desnutrição em altíssimo grau, imagens muito dolorosas.

O que o jornalismo lhe ensinou para valer?

Foram tantas lições, sabe? Deixou-me muito clara a importância de você ser solidário, de ser otimista, ver de perto a desigualdade desse país, as injustiças, é uma visão muito ampla. Aprendi muito com o jornalismo. Mais do que escrever, aprendi a olhar meu próximo com uma visão muito mais de perto, a generosidade, você saber quão importante é ser generoso, solidário.

Você trabalhou no A Tarde, numa época em que as pessoas diziam “Eu sou do A Tarde, você não é”. Como vê hoje a situação da decadência?

Com muita tristeza. A Tarde fez parte da minha história, 25 anos, é um tempo bastante longo na vida de uma pessoa. Estou com 75, é um terço da minha vida. Então, sinto profunda tristeza quando vejo A Tarde naquele processo de decadência. Enquanto assessora, eu ligava, não havia repórter, no máximo um fotógrafo. As matérias muito pobres, como se ele estivesse assim, morrendo, cada vez mais fininho, mais magrinho, mais esquelético. A gente viveu o apogeu lá, o jornal super-respeitado: “Saiu no A Tarde, é verdade”, “O maior jornal do Norte e Nordeste”. Você tinha garantias trabalhistas, de receber seu salário em dia, e hoje você vê esse processo de empobrecimento do jornalista, que não é só do jornal, no estado também. Não posso entender como é que o estado paga um salário-mínimo e menos de um salário-mínimo a um repórter. Acho que nossa luta tem de ser por um piso nacional decente. Porque com esse enfraquecimento agora é muito pior. Se a gente lá atrás, quando era forte, não tinha condição de bom salário, imagine agora.

A esse respeito, como é que você vê a luta pela valorização, pela institucionalização do diploma?

Sou defensora ferrenha do diploma, que é um meio de a gente se fortalecer, tentar ressurgir, porque a escola dá uma formação muito importante. Ser jornalista não é somente saber escrever. Tem de ter ética, você precisa de uma base histórica, de entender a comunicação através dos tempos.



FOTO: JOSEANNE GUEDES

Sou defensora ferrenha do diploma, que é um meio de a gente se fortalecer, tentar ressurgir, porque a escola dá uma formação muito importante. Ser jornalista não é somente saber escrever. Tem de ter ética.

Sua relação com os colegas, especialmente de outros veículos, na briga pelo furo, como é que você atuava? Havia competição?

Acho que não, a gente corria, tinha alguns assuntos, sim, mas eu não tinha essa coisa de competir com colega.

E hoje, acha que vai existir isso?

Acabou. Hoje é só o telefone e a qualidade da informação, em tempos de *fake news*, não há nenhum compromisso. No jornal, se você fizesse a matéria, se fosse assinada, você respondia juridicamente por qualquer falha ou erro ou informação de má-fé. Se fosse não assinada, era o jornal. Então, a gente tinha muito compromisso de dar a informação correta e apurar. E acho que isso

podia hoje ser feito. Há uma coisa chamada Tratamento Fora do Domicílio, o pessoal mora lá no interior, vem se tratar nas cidades. Gente, eu fiquei me imaginando assim, que matéria linda seria você acompanhar um paciente que sai da zona rural de um município, vão se juntando outros naquele carro. Quando chega aqui, vai saindo, distribuindo, como se fosse gado, para cada hospital e depois voltar. Leva dois dias naquele sofrimento. Nunca vi uma matéria bonita sobre isso. Gostaria de ver história de tanta coisa que a gente, que viveu a reportagem, poderia dar excelentes matérias, mas não há. É só o factual e sem nenhuma profundidade. Mudou completamente o foco.

Se você pensar no futuro do jornalismo, o que visualiza daqui para a frente?

Como esperançosa, acredito que possa mudar. Tenho esperança de existir um jornalismo mais reflexivo, que busque estar junto do cidadão, o que a gente não tem hoje.

Como está convivendo com a Inteligência Artificial?

Comecei a fazer um curso, fiz duas aulas, na terceira dei um *bug*, lá acabou. Mas pretendo, porque acho que não posso ficar à margem. Uso alguns como o Chat GPT, Gemini. Sou uma idosa e sei que não posso parar. Mas, por exemplo, para esta entrevista, pesquisei quais os principais fatos econômicos no meu período de 70 a 2003, o que foi que aconteceu no Brasil de mais importante? Ele me deu tudo, todos os planos econômicos. Então, pedi dados sobre trabalho infantil, porque também sou muito ligada na coisa da criança e do adolescente, isso me marcou muito. E nesse campo ganhei um título que me orgulha: “Jornalista Amiga da Criança e do Adolescente”, título nacional da ANDI [Agência de Notícias dos Direitos da Infância], que recebi quando eu fiz 50 anos, em Brasília.

Ocorreram muitas transformações na forma de se fazer assessoria de imprensa?

Sempre procurei, na medida do possível, redigir *release* com uma linguagem mais leve e sendo o mais informativa possível. Na Cedeiba, tive muita liberdade, foi um trabalho que me deixou muito tranquila, porque podia construir textos usando poesia.

Que conselho você daria a quem está começando a profissão?

Saber que vai ter uma condição de trabalho, sobreviver com um salário pior do que era



◀ Ana foi premiada com o título “Jornalista Amiga da Criança e do Adolescente”, pela ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância.

na época da gente. E não ter esse olhar de encantamento que a mídia tem hoje. Tentar chegar perto do cidadão, ter um olhar de neutralidade, mas saber levar essa comunicação. Ler muito, porque a leitura, para mim, é fundamental, quem não lê, não chega a nada. O jornalista é um construtor da cidadania, porque é na mídia que você tenta trabalhar para facilitar os direitos, ter garantidos os direitos. Por exemplo, direito à educação, quando você está lá fazendo matéria de educação, você está ajudando. Direito à saúde, a mesma coisa.

Então você diz que o jornalismo está morrendo, mas pode ressuscitar? É uma mulher de fé?

Pode. Sim, tenho muita fé. Acredito que pode ressuscitar, porque alguém vai ter de enxergar que é preciso mudar o que está aí. Porque esse *glamour* não vai levar a nada.

Hoje em dia, quais são as suas referências de jornalismo, nas redes ou fora delas?

Gosto da Revista Piauí, algumas coisas assim isoladamente que ainda vejo. Na TV, a gente vê um jornalismo muito pobre, e em jornais locais vejo o que sai nas mídias, mas não vejo nada que me chame a atenção e que seja interessante.

Queria, por uma questão de cronologia, que você dissesse com que idade entrou no Jornal da Bahia.

Entre no Jornal da Bahia em abril de 77. Tinha 26 anos. Fiquei lá um ano, fui para o A Tarde com 27 e saí com mais de 53 anos.

Em termos de satisfação pessoal, teve alguma fonte que você foi entrevistar e não acreditava que um dia chegaria perto dessa pessoa?

Uma das coberturas muito fortes foi a visita do Papa. Fiquei a cinco centímetros dele. Outra vez fui entrevistar Amado Batista na suíte do hotel. Quando ele estava com o CD para me dar, perguntei: “Como é que o senhor recebe o título de cantor das domésticas?”. Ele ficou tão sem graça que não me deu o disco. E eu [fiquei] com remorso da pergunta.

Você foi pauteira. Qual a importância de uma boa pauta, o que constitui uma boa pauta para que o repórter faça um bom texto jornalístico?

A pauta ajuda muito. É um canal, porque você tem de dar todas as fontes, toda a

orientação do que quer. No meu caso, que fazia pauta especial, levantava assuntos que poderiam render uma boa matéria. Então tem de mergulhar, ter fontes, ter um norte. Agora, muitas vezes, a pauta não tem nada, a gente chega lá, muda a matéria, porque vê que o enfoque não é aquele. No jornal, também fiz, com o professor Florisvaldo Mattos, o A Tarde Cultural, que focava em matérias sobre monumentos, segredos do Bonfim. E na editoria de Cidade, você às vezes era levado a fazer coisas que eram de política, de polícia, e isso dá diversidade. Lembro que na eleição em que despontaram nas urnas as mulheres vereadoras Amábilia [Almeida], Ana Coelho e outras, Reynivaldo ficou apavorado, porque a Editoria Política não tinha feito nada. E ele, como chefe de reportagem, tinha a visão do jornal como um todo, me mandou fazer uma página sobre aquelas mulheres. Ele tinha esse lado duro, era rigoroso, mas também dava muito estímulo de você fazer.

Como era sua parceria com os fotógrafos?

Trabalhei com Vigota [Raimundo de Jesus], trabalhei com muitos que já morreram. Anízio de Carvalho, maravilhoso, que eu adoro até hoje está aí. Inspiração! O trabalho com o repórter fotográfico é uma coisa assim, que era a dupla que funcionava. Você tinha de estar integrado, porque o repórter fotográfico tem um olhar bem mais aguçado da coisa. Lembro-me de uma matéria que fiz no Parque da Cidade, [o cardeal-arcebispo] Dom Avelar Brandão Vilela celebrando. O fotógrafo Gildo Lima foi comigo. Quando Dom Avelar está celebrando a missa, um [passarinho] cardeal pousou no microfone. Eu disse: “Gildo, olha que foto maravilhosa!”. Gildo ganhou não sei quantos prêmios com essa foto. Mas o olhar no momento foi meu. Porque também, da mesma forma que ele olhava, a gente ajudava o fotógrafo.

Às vezes se aprendia muito na mesa do bar, discutindo o dia a dia. Porque ia todo mundo, chefe de reportagem, fotógrafo. Hoje não existe mais isso.

Pois é, havia um lado boêmio, que tinha uma função importante, acabar de fazer a matéria, estar ali discutindo. Mas tenho uma experiência da coisa boêmia que me deixou ansiosa. Foi na reinauguração do Mercado Modelo, com a presença do [ministro Mário] Andreazza. Depois, fomos ao bar e estava lá todo mundo, chefe, repórter etc. E a gente tomando todas. Então disse

que estava na hora de ir embora para bater o texto e Chico [Neto], meu chefe, dizia assim: “Que nada, chega lá, você pega o *release*, cola e dá a Junot [Silveira, editor]”. Quando cheguei à redação, não enxergava nada na máquina e fiz o que ele mandou! Colei o *release* e dei a Junot. Eu disse: “Meu Deus, se Junot me entregar a Dr. Jorge, estou lenhada!”. Em casa, quando cheguei, bronca do marido... Mas a coisa da boemia está intimamente associada com aquele jornalismo antigo. Hoje o jornalista é no telefone, em casa, no *home office*.

Era muita cor local, deslizar o pé na lama. Até porque a linha telefônica era precária naquela época.

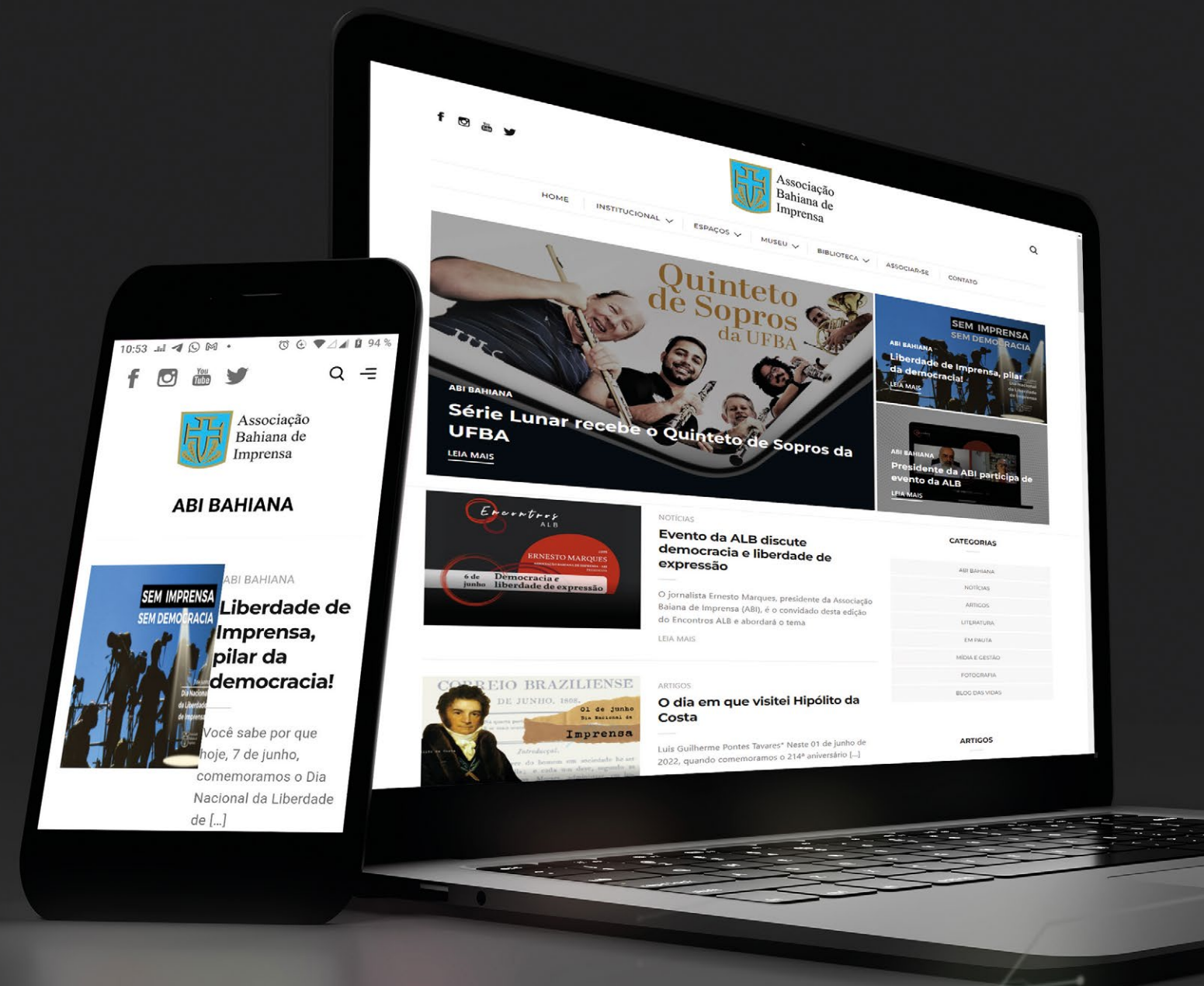
Quando cheguei às redações, ainda pedia ligação via telefonista, depois ficou direto, era muito diferente de hoje com o celular. Mas acho que aquele jornalismo romântico era muito legal. Muito rico.

Ana, qual o seu legado para o jornalismo?

Dei minha contribuição na medida em que me preocupei com causas importantes como a educação, a questão da criança e adolescente, o meu compromisso com a verdade. E tenho orgulho de saber que jamais vou morrer na pobreza extrema que eu tinha. Ave-Maria! Eu me considero milionária porque tenho uma vida digna, não fiquei rica, porque com jornalismo não se pode ficar rico. Procurei dar o melhor de mim, tentando ter esse compromisso com a verdade, porque, no jornalismo, você não pode abrir mão disso, de usar a verdade, de não se deixar corromper, de dar o exemplo. Eu acho que deixei um exemplo de procurar fazer esse jornalismo dentro daquilo que a gente aprendeu na escola, com ética, porque acho que é por aí que passa a coisa da formação do jornalista, que você tem uma formação que lhe garante conhecimento, mas também ética, é a coisa que acho mais importante.

Você vê o jornalismo como um sacerdócio?

Sim. Você enfrentar uma profissão que lhe oferece tantas condições ruins de trabalho e você está ali, o jornalismo é uma cachaça. Você leva a sério. Tem de levar assim com muita fé, senão você não vai, não. Hoje se me dissessem: “Quer jornalismo diário?”. Nem pensar, não teria mais estrutura. Mas o tempo em que fiquei era um amanhecer a cada dia, era uma novidade, era uma coisa nova, vamos que vamos. ■



www.abi-bahia.org.br

Jornalismo responsável.
Informações bem apuradas.

Sempre com as últimas tendências
da área da comunicação e conteúdo
de valor para a sociedade.

Encontre a ABI na rede!


 @abi_bahia
  @abi.bahia
  ascom@abi-bahia.org.br
  71 98791-7988



FOTO: CAIO VALENTE

Aos 16 anos, em 1957, Anna Lúcia Veras entrou pela primeira vez num estúdio de televisão em Belo Horizonte-MG. Foi convidada por sua cabeleireira para mostrar o penteado no vídeo. Não sabia o que era televisão, sua família não possuía ainda um aparelho dessa nova mídia, introduzida no Brasil pelo empresário Assis Chateaubriand em 1950. Ao exibir o penteado, sua beleza chamou a atenção dos diretores da TV, a Itacolomi, integrante do grupo Diários Associados de “Chatô”, e ela saiu de lá com um convite de emprego. Primeiro como garota-propaganda e depois se firmando como apresentadora. Muito tempo depois, no início dos anos 70, veio morar em Salvador para trabalhar na TV Itapoan. Formou com o dublê de locutor e delegado de polícia Armando Ulm o primeiro “casal” de apresentadores da TV baiana. Neste depoimento, registrado pela equipe da ABI, em entrevista conduzida por Kau Rocha, com as participações de Ernesto Marques e de Victor Veras, filho de Anna, ela conta sua trajetória.

Anna Lúcia Veras

Para ser apresentador(a) de TV,
*você não pode dar uma
notícia triste*
e fazer *cara de triste*,
ser alegre e *ficar sorrindo*.

Onde você nasceu, quais foram os seus primeiros passos na vida escolar e profissional e em que momento encontrou a Comunicação?

Sou mineira de Belo Horizonte, nasci em 1941. Meu pai, como militar, viajava às vezes. A gente morava em algumas cidades. Até que aos 16 anos houve o casamento de um irmão mais velho e minha mãe nos levou ao salão para arrumar as sete filhas. Passaram-se uns oito dias e o pessoal do salão foi a minha casa pedir a minha mãe que me deixasse ser modelo de um cabelo com o qual eles iam fazer uma apresentação na TV em BH. Ela [dona do salão] penteava e eu sorria. Foi a primeira vez em que apareci na TV, a Itacolomi, do Assis Chateaubriand [que fundara a emissora em novembro de 1955]. Sabia que ia a algum lugar, fazer alguma coisa, mas não conhecia sequer o aparelho. Porque minha casa não tinha. Como fui com uma cabeleireira, ela dizia: “Sorria, vira para o lado, de costas”, fazendo toda aquela figuração de quando você vai mostrar um penteado na TV. Quando acabou aquilo, o diretor da emissora veio me dizer que eu ficava muito bem na TV: “Isso que você fez aqui já serviu de teste. Vai ter muita chance de trabalhar aqui”. Respondi: “Imagina se meu pai vai me deixar trabalhar aqui”. Fui embora. Tirei isso da cabeça, com 16 anos, estava lá com minhas amigas. Um belo dia, chego em casa e havia um senhor sentado com meus pais. Era gente da televisão, achando que eu tinha fotografado muito bem e queria me convidar para trabalhar lá. Meu pai era delegado fora de Belo

Horizonte nessa época, minha mãe ficou toda encantada. “Minha filha, na televisão!”. Quando apareci na televisão nesse dia, ela foi ver na vizinha.

Começou como apresentadora de programas?

Não, comecei como garota-propaganda. Porque quem escolhe a garota-propaganda geralmente é o patrocinador. Dei sorte, porque apareceram não sei quantos para querer me patrocinar na época. O primeiro [comercial] que fiz foi para a Johnson & Johnson, produtos de criança. E ali foi seguindo a minha vida na TV.

Nessa altura você ainda era uma adolescente.

Comecei com 16 anos.

Qual foi o seu primeiro trabalho na televisão, já um andar acima, não era mais garota-propaganda? Você foi apresentar um programa? Você foi trabalhar com produção?

Como garota-propaganda, fiquei fazendo a “Chupeta Baby York”, eu acho. Fazia aquela demonstração: “Veja como é fácil, ponha a água ali dentro”.

Nessa altura, é bom lembrar, os comerciais eram ao vivo, né?

Tudo ao vivo, não havia nada gravado, novela, grande teatro, tudo era feito no estúdio. E outra coisa, eu ficava para fazer o comercial que ia pagar o teatro, e não se podia fazer barulho nenhum. Não havia aque-

la acústica perfeita, não havia nada. Estou falando aqui de Assis Chateaubriand, para mim foi o pai da comunicação. Então fui trabalhar no “Sessão Feminina”, em 1957, o primeiro programa voltado para a mulher. Porque na televisão só havia filme e futebol. Eu entrevistava, por exemplo, Dona Zélia, que ia ensinar a fazer um doce diferente, enfim era um programa de culinária. Depois, outra hora, ficava como garota-propaganda de determinado programa. Por exemplo, Baby York, fiquei muitos anos trabalhando, os patrocinadores queriam exclusividade. Havia grandes vantagens, você ganhava mais, certo?

A pauta do “Sessão Feminina” era só culinária? Nada de pauta feminista, naquela época não existia.

Não existia. Tudo era comunismo, não se podia falar nada. Não havia essa conotação política. E a gente seguia muito também — tinha de seguir — a linha da TV de todo o Brasil, porque era dos Diários Associados. Era [o eixo] Rio-São Paulo que dominava. Então, Belo Horizonte era uma filial do Rio e de São Paulo. Havia reportagem, fazia só quem estava começando. Eu não fazia, meu pai não ia deixar ficar andando na rua. Então já cheguei com programas [de estúdio].

Passava pela sua cabeça um quê de profissão naquela altura?

Nada, nada, nada. Lá em casa havia uma coisa: minha mãe tinha muitas [filhas] mulheres e poucos [filhos] homens. E o estudo era tudo pago. Então ela dava prioridade aos homens. Chamavam-me de Nani lá em casa e diziam: “A Nani é bonita, vai se casar muito bem com um cadete, com um militar”. Eu já tinha o cadete da Polícia Militar me esperando. Porque a Polícia Militar de Minas é muito rica. Minha casa era uma maravilha. Depois que [mãe] ia fazer mercado, não olhava nem a conta. Ia botando tudo dentro dos carros, assinava uma nota e ia para a conta do meu pai.

Seu pai era militar, da Polícia Militar de Minas?

Sim. Lá a Polícia Militar era mais forte que o Exército. Isso, depois que fiz curso de Direito, pude constatar. Na época, na Polícia Militar de lá, nós tínhamos clubes para nadar, para tudo, social, tudo, hospital só para nós.

Depois da “Sessão Feminina”, qual foi o programa que você fez?

Comecei a fazer entrevista. Fiz um programa infantil também.

Como era para uma mulher tão jovem naquela época trabalhar na TV? Porque mulheres eram raras naquela época na televisão, hoje são maioria. Posso falar pela minha experiência. Sempre fui muito respeitada.

Além de haver poucas mulheres que trabalharam



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

▲ As irmãs de Anna achavam que ela, por ser bonita, iria casar cedo.

nesse tempo, porque é uma atividade majoritariamente exercida por homens, a rádio, televisão, a própria imprensa escrita também. Você tinha como experimentar algum tipo de... preconceito, às vezes a invejam porque você é bonita? As pessoas diziam: “Ah, você está tendo essa oportunidade porque você é bonita”?

Não, nada disso, ao contrário. Todo mundo, as amigas, as pessoas, todos falavam comigo, a imprensa. Não tive nada parecido.

Quando é que você começa a entrevistar? E qual foi o outro programa que você fez depois da “Sessão Feminina”?

Comecei na TV naturalmente, não fui preparada para nada disso. Se precisassem de mim um dia, alguém falava: “Anna faz”. Eles passaram a contar comigo. Acho que eu não tinha nem noção da responsabilidade que era aquilo que eu estava fazendo. Fui conhecer a TV quando fui à própria TV. Depois da “Sessão Feminina”, comecei a fazer um programa que se chamava “O Mundo é da Mulher”. Era a mulher reivindicando seus direitos, falando que havia um preconceito. Tudo era para o homem. Havia profissão de homem e profissão da mulher. “O Mundo é da Mulher”, quer dizer, a mulher vai estar onde quiser.

Começo da década de 60 e depois veio o ano de 64.

Em 64, estava em Brasília. Começaram a dizer que Juscelino Kubitschek não estava construindo a nova capital coisa nenhuma.

Você foi para lá fazer uma reportagem?

Não, fui para lá porque o grupo Diários Associados, que cobria o Brasil todo, precisou de uma pessoa em



▼ O figurino com que se apresentava na televisão era determinado pelo patrocinador do programa em que aparecia.



▲ O sorriso era a marca da garota-propaganda que virou apresentadora de programas de TV.

Brasília. Então, fui trabalhar na TV Nacional de Brasília, para cobrir principalmente esse problema. Eu não fazia reportagem de rua, fazia de estúdio. Mas entrevistava as pessoas. Na revolução, eu estava em Brasília.

Como é que foi esse processo?

Eu ligava lá para casa, então sabia as notícias que chegavam do Rio. “Vai fechar o mercado!”, diziam.

Você se recorda de como é que foi exatamente o momento da derrubada do Jango? De 31 de março até os primeiros dias de abril?

Era uma loucura. Fomos convocados para entrevistar quem pudesse falar qualquer coisa em televisão e aparecer. Então, quase passei a morar na TV. Fazia plantão, qualquer notícia que chegava ou que estivesse disponível, entrava e falava.

Você tem alguma recordação desse momento do golpe, da “revolução”?

Eu ligava para casa e falava: “Olha, vai fechar tudo, compra, corre e tal”. Então, foi uma coisa muito difícil.

Então, de Brasília vocês retornam para BH?

Não, fiquei um tempo em Brasília. A gente tinha propostas boas. Para Mário [Veras, o marido] também.

Quando vocês chegaram à Bahia?

Em 70 foi minha chegada a Salvador, a gente veio passear, Mário tinha uns amigos que vieram morar aqui. E ele os reencontrou. E havia a TV Itapoan do grupo dos Diários Associados, que era a única emissora de Salvador. Comecei apresentando programas, entrevistando.

Você se lembra de entrevistas que fez?

Lembro-me de uma que foi terrível, da Elis Regina. No hall do hotel. Na hora, alguém me passou um papel. Porque era assim: quando estava trabalhando, alguém queria falar comigo, não havia essa história de parar. Era o produtor do programa pedindo que eu fizesse uma pergunta: o que ela tinha a dizer, naquele momento, à Janaina, filha de Leila Diniz, quando a Leila morreu. E eu não sabia. Ninguém sabia naquele momento. E alguém vem por aqui por baixo e me pede que pergunte. Quando fiz a pergunta, a Elis quase morre. Houve aquela reação e ficou parecendo que eu estava fazendo imprensa marrom. Que quis criar esse impacto. Isso saiu nos jornais.

Ela não sabia?

Ninguém sabia, eram 11 horas da manhã. Quem trabalhava à noite na televisão era ao vivo, não havia essa coisa de gravar. Então, quando cheguei lá, a entrevista normal, tudo que estava planejado, tudo conversado, E nesse dia estava tudo normal no programa, do nada alguém me dá um papel, porque a pergunta é feita, mas esse alguém não era só um alguém, era o diretor do programa, e a minha função era transmitir o que a produção pedisse.

Era ao vivo a entrevista?

Ao vivo.

Houve condição de continuar a entrevista?

Ela desabou. Teve crise de choro. Não havia jeito de continuar. Chega uma aguinha para lá, tira a câmara dela, foca em outra coisa, entra um comercial, entra um intervalo. Entendeu? A equipe de produção sabia da morte e quis causar aquele impacto, a imprensa tem disso, né?

Houve reações, comentários ruins? Fãs da Elis comentaram...

Não, uma agressão não tive, porque também não era mentira, ela tinha morrido mesmo, era uma notícia. Uma notícia de morte é assim, pega as pessoas desprevenidas, né? Se tivesse ensaiado, talvez não tivesse causado tanto impacto. Todo mundo soube que ela tinha morrido. Se você tivesse falado bonitinho, num cantinho, ninguém ia saber.

Pela circunstância daquela morte foi muito chocante.

Foi uma coisa muito chocante. Uma das situações mais difíceis que vivi na minha carreira toda, porque envolve morte e tudo.

Que outras entrevistas a marcaram? O que mais a entusiasmou, mais a animou nesse período em que você foi uma profissional de televisão? Era bom fazer televisão, você gostava de fazer televisão?

Trabalhei mais de 57 anos na televisão. Fiz muitas entrevistas. Não gostava muito, tanto que me formei em Direito, gosto mais de advogar. Mas, assim, [TV] não foi minha escolha, só que ganhei dinheiro, não tinha condições de parar porque havia sempre serviço. Também não suportava a falta de privacidade. Quando era ambiente de TV, tudo bem. Fora, porém, tira a sua liberdade. Primeiro que você não fica mais natural. Depois você está no lugar e sabe que está todo mundo olhando para você ali.

Fale sobre as TVs daqui.

Só existia a Itapoan quando me mudei para cá. Formei com Armando Ulm, um casal da TV, apresentando o noticiário.

Você falou que o povo da Bahia é muito mais espontâneo. Então, percebeu alguma diferença também cultural, nessa chegada à Bahia?

A Bahia é outro planeta, né? Em relação a Minas Gerais, a São Paulo. Primeiro que na Bahia havia muito

► O início da carreira de Anna Veras na TV Itacolomi de Belo Horizonte.



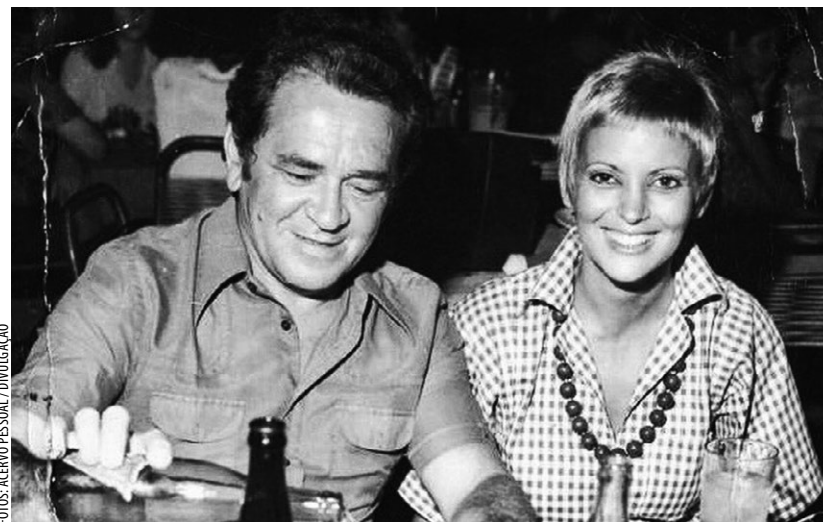
▲ Anna mudou-se para Salvador no início dos anos 70 e foi trabalhar na TV Itapoan.



▼ Entrevistando o ex-deputado estadual Luiz Pedro Irujo.



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

▲ Com o marido Mário Veras

improviso. Não adianta você falar: “Tem de estar no estúdio cedo porque o programa começa às 7 horas e nossa entrevista deve ser às 7h15, mais ou menos”. “O.k.,” respondiam. Mas o cara chega em cima da hora, vai, anda, tal, é tudo de improviso. Então, você não tem de mudar o baiano, mas entrar no esquema [ritmo] dele.

Conte o motivo de você morar na Bahia, sua questão de saúde.

Sempre fui asmática. Morando em São Paulo, adorava, mas eu vivia com crise de asma. Um amigo nosso, Pedrinho, insistiu para ir ao aniversário dele. Então, viemos conhecer a Bahia. Chegamos aqui e ficamos. O que a gente fazia? O meio do meu marido sempre foi TV, era tocar violão e cantar na Lagoa do Abaeté, de madrugada, depois que encerrava o programa. Mário adorava Salvador e, sendo [diretor executivo] dos Diários Associados, queria dar um jeito de me trazer.

O pretexto foi a asma?

Foi a asma. E fui gostando de Salvador.

Você lembra o impacto que causou a chegada do videoteipe na televisão? Antes você fazia tudo ao vivo, de repente começou a poder gravar.

Para mim foi uma porcaria, detestei, sabe por quê? Quando veio o *videoteipe*, todo mundo errava, ninguém acertava de primeira. Nada começava no horário. A gravação: “Olha, gente, ó, cuidado, ó, ninguém atrasa”. Que nada. Todo mundo errava, uma chegava e dizia: “Peraí gente, que vou dar uma arrumadinha no cabelo”.

Volta a fita!

É, se o programa era das 6 às 7 horas, sabia que ia chegar lá meia hora antes, no máximo, no mínimo meia hora antes. Você passava na maquiagem. Tinha de fazer o teste de luz. Para a câmera me focalizar,

tinha de estar prontinha, sentada no lugar, de acordo com a minha roupa, com o cabelo, com o espaço de que precisava. Para os técnicos trabalharem, tenho de estar lá prontinha. Se ponho um colar grande, se ponho a roupa que tem brilho... E há coisas que você não deve usar na TV. Se você põe um colar bonito, faz barulho. Dá problema no microfone. É bom valorizar, estou falando valorizar, porque realmente não é um trabalho que qualquer um faz... E outra coisa, a televisão é cobrada por segundo. Você vai colocar uma propaganda na TV, não é minuto que você paga, não. Você paga segundo. Então, o comercial de 30 segundos era o que às vezes ia pagar o programa. Então, eles abriam quatro intervalos. Minhas irmãs ficavam danadas: “Ela vai lá, trabalha três minutos, quatro minutos e diz que trabalhou”. Minhas irmãs eram professoras [risos]. Mas a responsabilidade era muito grande. Porque quem pagava o programa eram aqueles três minutos, quatro minutos.

Sua relação com os colegas da parte técnica?

Excelente, sempre. Aliás, uma coisa que posso dizer, com toda modéstia: não tenho dificuldade de relacionamento.

Com Clóvis Prates.

Ah, Clóvis Prates. Foi meu primeiro *cameraman*. Um grande amigo nosso. Há pouco tempo ele veio aqui a Salvador. E eu tive situações difíceis na TV, às vezes você dá notícia triste. O pior da televisão é que para você ser uma profissional de jornalismo, dessa área que mexe com a realidade, você tem de, no mínimo, mostrar que está tranquila. Você não pode se empolgar.

Fora das entrevistas, lendo notícias, você se lembra de algum fato que você noticiou e que a emocionou, que impactou mais?

Não, a gente aprende a ter uma habilidade. Para você ser apresentador de TV, você não pode dar uma notícia triste e fazer cara de triste, ser alegre e ficar sorrindo. Tem de ter um padrão. Tem de dar a notícia. A interpretação é do telespectador. Estou trazendo uma notícia. Não posso mostrar a minha reação. Senão deixo de ser o portador da notícia para ser quem está recebendo a notícia. Isso é muito difícil. Quantas vezes você tinha vontade de dizer: “Ah, pelo amor de Deus, tem de ser eu mesma, não pode passar para outro locutor?”.

Aconteceram algumas vezes em que você teve de fazer esse esforço para manter a linha?

Isso ocorre todo dia. Às vezes é uma notícia contra o partido que é o seu. Eu trabalhei muito com política, entrevistando políticos. Para mim, olha, para frente é que se anda, eu saio do estúdio, pronto, não guardo nada, não quero saber de nada, que venham outras novidades.

Em que momento você decidiu parar de trabalhar com TV?

Quando ficou desinteressante. Tudo pronto. A notícia vem toda pronta. É só para ler o que estão mandando ler. E também porque achei que televisão é imagem. Não posso chegar à TV de barba branca. Para homem pode, fica até charmoso. Para mulher, nem tanto. "O que essa dona está fazendo aí? Vai cuidar da casa!". E cansa também. Chega uma hora em que não dá. Você precisa ter sua vida própria. Porque [TV] é uma prisão. Não se pode botar o William Bonner num dia, no outro a Maria, no outro a Josefa. O Bonner é escravo daquele horário. Ele pode ganhar uma fortuna, mas há uma hora em que é um saco. Você chorou de manhã, seu cachorro morreu, houve uma doença na família, você não pode sair. O jornal é ao vivo.

Muita coisa depende do diretor do programa.

Não! Atrapalha às vezes. Fica lá de cima todo-poderoso, quem trabalha é ele, é o microfone ali que não pode pifar.

Quem foi o diretor do programa mais chato?

Não tive, dei uma sorte muito grande. Eu entro num lugar para resolver o problema. Também há o seguinte: se diziam "Anna, posso trocar seu microfone?", eu respondia "É claro. Você não é responsável pelo som? Faça o que você achar que é melhor". Trabalho é você fazer aquilo para o qual foi contratado. E esse profissionalismo a gente vê pouco porque as pessoas são muito vaidosas. Elas querem puxar. Eu estou trabalhando com você. Nós dois estamos apresentando o jornal. Se passar mais notícia para você, menos para mim, vai haver uma briga depois.

Você conviveu com a censura dentro da tv?

Censura foi um horror. Aqui na Bahia vocês conheceram uma grande doceira, cozinheira, chamava-se Dona Zélia. Era famosa. A minha equipe tinha de mandar para a censura o que Dona Zélia ia falar no programa, do contrário não entrava no ar. Tinha de chegar a autorização. E outra coisa, você mandava [a fala de D. Zélia], mas se não chegasse [a autorização] dizendo o que ela podia falar, ela ficava na sala de espera, buraco no programa, jogando desenho animado.



Chega uma hora em que não dá. Você precisa ter sua vida própria. Porque [TV] é uma prisão. Não se pode botar o William Bonner num dia, no outro a Maria, no outro a Josefa. O Bonner é escravo daquele horário.

Qual é a recordação mais legal, mais bacana que você tem do seu tempo de televisão?

Ah, o tempo todo foi muito bom, porque eu adoro desafios.

O programa "Frente a Frente" da TVE foi marcante.

Sim, porque nele se entrevistavam políticos. Não só políticos, qualquer pessoa que se destacasse. Mas a política é o que sempre mexe, né?

Como você se preparava para as entrevistas?

Gostava de ler as perguntas e nunca entrevistei ninguém a quem não apresentasse as perguntas. Eu dizia: "Altere o que você quiser e acrescente o que quiser". Então também é uma postura de cada pessoa na vida. Não vou fazer uma pergunta que sei

que é doída para você, que é sofrida. Não tem nada a ver. Gostava também de conversar com a pessoa cada vez que ia entrevistar uma, tirar o máximo que puder, para aproveitar. Sentir onde ela estava mais à vontade. Nossas vidas são todas iguais praticamente. Todo mundo acorda, vai trabalhar, tem família, tem uma mãe, tem uma sogra. Foi traído ou traiu. Não é assim a vida?

Vocês ficavam muito ligados na audiência?

Não estou nem aí, vou lá, dou o meu recado, quem quiser desliga a TV. Eu me preocupava comigo, isso é uma coisa que não tenho, estou sendo sincera mesmo, não tenho essa vaidade. Primeiro, acho que aparecer na TV é até muito chato, porque você perde a sua privacidade. É bom por um lado, é o seu trabalho, mas não gostava nem quando via minhas fotos no jornal. Não preciso. E sempre achei pessoas muito boas. Trabalhei em São Paulo, em Brasília. Não tenho o que dizer. Acho que a gente tem de ter a hora de parar. Estou com 84 anos, comecei a trabalhar com 16.

Quem definiu a sua hora de parar foi mais a família?

Família. Vi que até vocês [filhos] mesmos estavam loucos para eu parar, né? Eles diziam: "Mãe, a gente não aguenta mais vê-la em televisão". É uma coisa em que você não pode atrasar um segundo. É um trabalho tenso, você tem de sair... Você bota uma camisa, uma gravata e está arrumado. E mulher? Se você aparece de qualquer jeito, nossa...

Você sente saudade?

Gosto muito de curtir o presente e o que eu tenho. A vida é feita de perdas e de ganhos e de alegria e tristeza. Então, todo mundo morre, você perde uma coisa. Poxa, vamos curtir isso também. Eu tenho essa tranquilidade.

Você se lembra do seu último dia na TV, quando foi a despedida?

Ah, não, ninguém merece isso não, gente, para mim foi um alívio. Poxa, toda noite você está cansada, queria ficar na sua casa. Depois de muitos anos de televisão, foi uma escolha. E também aconteceu a advocacia, pela qual me apaixonei. Então, em 78, a televisão para mim começou a ser secundária. Porque mergulhei no Direito, fui conciliadora por muitos anos. ■

QUE TAL VOLTAR PRA CASA?

Quem já fez parte da Associação Bahiana de Imprensa, e se afastou, tem boas razões para se recadastrar e voltar a fazer parte da mais tradicional e abrangente entidade da comunicação baiana:

01

Basta preencher o formulário de recadastramento. Isso pode ser feito numa visita à sede, ou através do nosso site.

02

Novo cadastro estruturado para garantir uma comunicação direta e eficiente com associados e associadas, que estarão sempre por dentro de tudo que estiver acontecendo na ABI.

03

Anistia parcial de débitos equivalentes ou superiores a 5 anos de contribuição mensal.

04

O processo de readmissão é rápido e resolvido diretamente pela Secretaria – para profissionais ativos e legalmente habilitados.

05

Dados cadastrais trabalhados dentro de uma política de privacidade claramente definida e rigorosamente dentro do que prescreve a LGPD.

06

Acesso prioritário para eventos culturais, técnico-profissionais e acadêmicos realizados pela ABI.

07

Em eventos realizados, co-realizados ou apoiados pela ABI, gratuidade ou condições especiais.

E o mais importante:

Quem é da ABI faz parte de uma entidade que guarda a memória da imprensa baiana e faz história há 92 anos, sempre na defesa da democracia e do livre exercício do jornalismo profissional.

Quer mais?

Associados e associadas efetivas recebem a versão impressa da revista MEMÓRIA DA IMPRENSA em casa e antes de todo mundo.



Associação
Bahiana de
Imprensa



O GOVERNO DO ESTADO FAZ UMA TRANSFORMAÇÃO GIGANTE NA MOBILIDADE DE SALVADOR

O VLT é uma obra gigante do Governo do Estado que vai ligar tudo: Comércio, Calçada, Subúrbio, Cajazeiras, até Piatã. Um transporte rápido, moderno e seguro, que será integrado à Nova Rodoviária e ao Metrô, para adiantar o lado de milhares de pessoas.

VLT

VAI LIGAR TUDO



VLT: MAIS DE 40 KM DE EXTENSÃO / 42 PARADAS

NOVA RODOVIÁRIA EM ÁGUAS CLARAS

NOVA ESTAÇÃO CAMPO GRANDE DO METRÔ

DUPLICAÇÃO DA ESTRADA DO DERBA



GOVERNO DO ESTADO
BAHIA



GOVERNO FEDERAL
BRASIL



FOTO: CAIO VALENTE

Manoel Canário é uma das lendas mais conhecidas do rádio baiano. O sobrenome do rapaz, que se formou nos sistemas de alto-falantes da cidade de Senhor do Bonfim, antecipou o futuro desse locutor, que cantaria as notícias mais importantes da Bahia, do Brasil e do mundo por mais de 40 anos, principalmente através das ondas da Rádio Sociedade da Bahia. A voz grave e segura se tornou a marca de uma geração como confirma o maior entendido da história do rádio no país, Perfilino Neto, contemporâneo, amigo e fã de Canário. Perfilino ajudou o locutor a se lembrar das inúmeras passagens de sua longa trajetória profissional nesta entrevista conduzida por Kau Rocha, que contou também com as participações de Luis Guilherme, Jaciara Santos e Olívia Soares.

Vivi o período de *rádio mais gostoso do mundo*

De onde veio Manoel Canário?

Nasci, graças a Deus, na cidade de Senhor do Bonfim, antiga Vila Nova da Rainha. Então, a cidade de Senhor do Bonfim foi para mim um ponto de desenvolvimento da minha vida e foi o centro cultural que eu frequentei.

Sertanejo.

Sertanejo. Tudo para mim era difícil e ao mesmo tempo era abraçável. Eu não tinha dificuldades em absorver um conselho da minha cidade nem conselho de amigos. Minha vida foi muito alegre e positiva para o meu dia a dia. Tinha segura noção dos comportamentos que deveria seguir. E aprendi também a ter muito amor e dedicação a minha terra. Isso reputo como um momento de grande aceitação.

O que você lembra dos tempos dos estudos, do colégio. A ligação com essa coisa da comunicação já vinha lá da origem?

Vinha. O Colégio Sagrado Coração de Jesus, colégio Marista, onde tive os primeiros momentos de aprendizado. Os padres eram muito carinhosos com os alunos e isso me favoreceu muito porque aprendi com segurança os princípios básicos do ensino dos irmãos Maristas. Do Colégio Coração de Jesus, já saí para o mundo que era outra visão, mais ampla, divertida. Eu contava as histórias da minha própria vida nas turmas de bate-papo, nos bares ou nos jardins,

e era muito aplaudido pelos ouvintes, pelos colegas do ginásio e outros filhos da cidade com quem eu me dava, graças a Deus.

Como era o cotidiano de uma criança de Senhor do Bonfim? Você nasceu em que ano?

Nasci em 1933. Menino ainda já me metia nas coisas da cidade, pretendendo ser um dos destaques. Mas o fato é que comecei a fazer depoimentos sobre a história da cidade e [a trabalhar] na elaboração dos bonecos da cidade.

Sua experiência radiofônica já vinha desde lá, começou na Rádio Cultural?

Sim, era um serviço de alto-falantes da cidade, onde comecei a minha vida como locutor. Foi um trabalho muito importante para a minha formação. Além da Cultural, trabalhei em outro serviço de alto-falantes: Dom Henrique, da Igreja Católica. Assim fiquei nos meus primeiros anos de vida como locutor de alto-falantes até concluir o período e [sentir] a necessidade de viajar para Salvador em busca de um lugar melhor para mim. Meu irmão José, que era cantor, me esperou com os braços abertos em Salvador e me ajudou muito a permitir que me ambientasse na Rádio Sociedade onde fiquei uma infinidade de anos.

Quando você chegou, foi trabalhar na Sociedade. Já havia a TV?

Não existia TV na época. Eu fui para a Rádio Sociedade e, com a facilidade do meu irmão, consegui logo um lugar como locutor.

Seu irmão veio para Salvador primeiro e assim se estabeleceu como cantor da Rádio Sociedade, você veio depois dele. Você já tinha vindo a Salvador antes?

Vim de vez, com a esperança de acertar. Na rádio fui me apresentar ao diretor e fiquei como locutor.

Perfilino [Neto] está dizendo que chegou a Salvador em 59 e você já estava na rádio.

[Perfilino Neto] Manoel Canário é o primeiro e único sindicalista a promover uma greve de radialistas em 1960, quando eu já estava na Rádio Cultura. Eu gostaria que você recordasse por que [houve] essa greve, embora eu saiba. Recorda?
Infelizmente não me recordo bem desse episódio.

Você saiu de uma cidade pequena como Senhor do Bonfim. Como foi a ambientação em Salvador?

Olha, isso obedeceu muito a um princípio antigo meu. Eu ia primeiro conhecendo os ambientes aos quais me adaptava bem. Tinha sempre em mente a procura de um lugar onde eu pudesse exercitar o que aprendera. E essa preocupação minha, graças a Deus, funcionou e facilitou muito o meu conhecimento com as coisas da vida. Aprendi primeiro a ser um homem de rádio. Tive aqui o apoio indispensável do Perfilino Neto, porque por meio dele eu entrei na categoria.

[Perfilino Neto] Você teve esse aprendizado, como eu também, na Escola Primária [de locução], que foi o serviço de alto-falante. Esse aprendizado você já trouxe para Salvador, no início da década de 50, onde ficou na Rádio Sociedade, despontando como locutor famoso, o noticiarista. E se apresentava no programa de Renato Mendonça. A Sociedade ficava na Rua Carlos Gomes, 57-A, onde hoje é o Centro Cultural Caixa Econômica. Eu gostaria que você se lembrasse dessa greve, a greve [foi] porque a rádio levava 3, 4 meses sem pagar a gente.

É porque eu era meio metido mesmo. Achar aquele negócio meio estranho. Fiz na Rádio Cultura o uso de uma prática comum. Primeiro, criei ambiente entre os colegas. A partir daí, fui fomentando a tese da paralisação necessária, até que chegou ao ponto em que ocorreu e eu fiquei meio perdido, sem saber: “O que é que eu faço agora?”, me perguntei. Então fiz o quê? Banquei o sabido, me aproximei do amigo aí, que era o apoio sustentável.

[Perfilino Neto] A coragem foi sua!

A coragem de me aproximar de você, porque você podia me cuspir fora.

Não teve dúvida de outra profissão, não, né?

Não, já vinha definido.

Você fazia rádio-escuta?

Rádio-escuta. Eu fazia tudo. Porque tinha de me preparar para ir ao microfone e dizer o que eu queria dizer.

E tinha um vozeirão!

Eu tinha um vozeirão mais ou menos. Era um padrão de bom gosto do qual o público gostava. Nós, na época do rádio, tínhamos a ventura de sermos sempre aplaudidos pelo imenso público. Eu fazia dois programas de rádio. Primeiro [preparava] em casa, que eu já saía com aquele macete. Quando chegava à rádio, era só ampliar.

[Perfilino Neto] E escutava “A Voz do Brasil”, que era um hábito nosso, para então a gente decidir fazer a suíte daquelas matérias que a gente ouvia. Quando a gente chegava à redação, eu também estava lá, com o papo do noticiário, você dava continuidade. Você pegava o noticiário e aumentava. Digamos, você fazia os 50%.

E quem eram as referências da rádio nesse momento? O que você diria? Você tinha alguém como norte, uma referência

da qual gostava?

Eu tinha muita amizade com o Pacheco Filho. E outros colegas.

No tempo em que você estava na Rádio Sociedade, pegou um período da ditadura, da censura. Eu queria que você falasse um pouquinho como é que fazia para driblar os censores no programa.

Eu botava a programação do meu departamento toda em dia, sem esconder nada de ninguém, porque achava que a minha profissão me obrigava a colocar no ar a verdade. E era sempre o que eu fazia, às vezes me perguntavam como é que eu havia conseguido: “Como é que você conseguiu esse negócio? Ninguém sabe de nada e você sabe de tudo”.

Você tinha boas fontes, né?

Eu dizia: “Olha, quando vou em busca da notícia, vou mesmo. Então, se não encontrar, procuro, futuco, até descobrir alguma coisa”. E era isso que eu fazia. Deixava o pessoal no estúdio, os redatores, e ficava perambulando pela rua, sem encontrar nada. Encontrava ali uma informação, ia procurar outra e assim chegava ao estúdio com um bolo de notícias.

Há dois companheiros jornalistas que também são de Senhor do Bonfim, contemporâneos seus: Guido Guerra e Otto Jambeiro. Havia alguma aproximação nessa época?

Havia uma aproximação. Eu diria assim: tínhamos amizade, sem muito exagero. E eu, como era o terceiro, quando me dirigia a eles, era naquela liberdade de todos os convívios. A nossa convivência era uma [relação] amistosa. Eu fazia as minhas besteiras, eles faziam as deles, e assim a gente

Fiz na Rádio Cultura o uso de uma prática comum. Primeiro, criei ambiente entre os colegas. A partir daí, fui fomentando a tese da paralisação necessária.

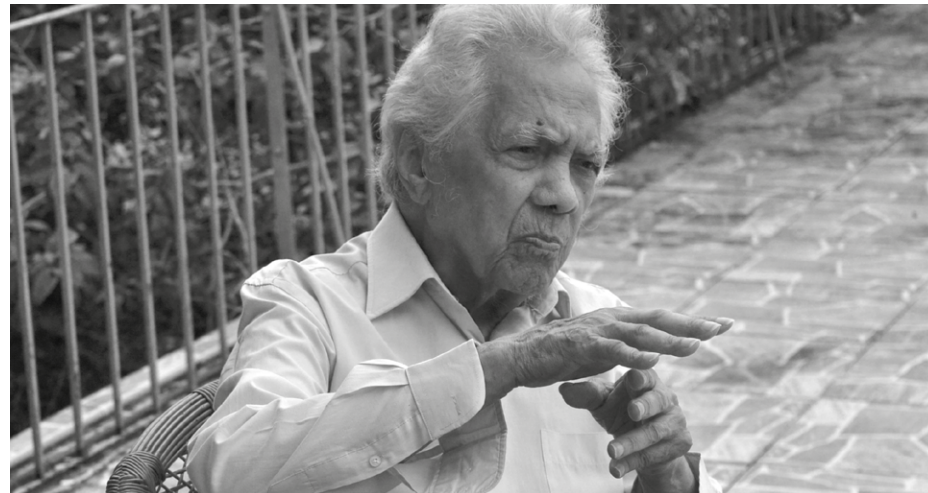


FOTO: CAIO VALENTE

No ar, lendo o noticiário. Sofrer um... Como dizia? Um lapso no que eu estava lendo. Então o ouvinte ficava doido: “Oh, cadê o homem? Sumiu?”

ia vivendo. Levantava um pouco de sorriso no meio da história e, no final, todo mundo se entendia.

Que besteiras eram essas que você fazia?

Besteiras... Umas conversinhas de mulher... Sem revelar nada de comprometedor, mas a fidelidade, antes de mais nada, era mantida a qualquer custo, para não haver as discrepâncias naturais entre o homem e a mulher.

Quais são as lembranças mais gostosas de ter sido esse radialista, de ter repercutido e ter colocado sua voz? Tinha um bordão?

Vivi o período de rádio mais gostoso do mundo. Abria com a concentração óbvia do que estava fazendo. Era a emissão de um noticiário para informar ao público tudo o que acontecia no nosso mundo. Então, ia para o microfone narrar as notícias que eu mesmo redigia com uma segurança absoluta. Às vezes me perdia, mas depois me reencontrava.

Havia um improviso?

Exatamente. Mas era um negócio terrível. No ar, lendo o noticiário. Sofrer um... Como dizia? Um lapso no que eu estava lendo. Então o ouvinte ficava doido: “Oh, cadê o homem? Sumiu?”. E eu ficava... Ficava... Pegava o papel assim, passava para lá e tal. Enrolava e logo em seguida retomava a apresentação do noticiário com texto normal. Mas foram momentos de muita aflição, sem saber o que dizer ao público. Mas essas coisas eu superava.

E você sofria pressão, por exemplo, do ponto de vista político? Ou de outras coisas? Ou comerciais, ou coisas assim? Havia alguma coisa que você tinha de driblar? Falamos da censura. Como é que era no dia a dia? As pessoas o procuravam também para querer repercutir?

Algumas procuras visavam isso. Mas eu evitava sempre. Enrolava ali e tal, dizendo: “Vou consertar isso, não sei o quê. Até logo, até logo”. E os caras saíam satisfeitos, ou, pelo menos, demonstravam satisfação. Nunca me preocupei foi com ceder espaço a eles: “Não, aqui você não manda nada, aqui quem manda sou eu. Aqui só sai o que eu quero”.

O senhor também gostava de cantar?

Gostava. Intramuros. (RISOS)

[Perfilino Neto] Gostava de Orlando Silva.

Ele mesmo. Saudosa memória. Mas eu vadiava no repertório dele. Cantava no quintal, em casa, assim, na sala, querendo imitar meu irmão, que era cantor consagrado. Eu, principiante.

Recorda-se dessa passagem na Rádio Tupi do Rio de Janeiro?

Sim. Fui daqui para o Rio, na marra. Fui direto para a Rádio Tupi, porque meu irmão trabalhava lá. Então já tinha esse ponto a favor.

[Perfilino Neto] Agora, há uma passagem importante. Ele é testemunha de quando o Gordurinha fez [a música] “Súplica Cearense”. Eles estavam participando de um programa, e existiu esse contato há uns 30 anos. Acontecera a enchente do rio Orós [no Ceará] e havia ficado tudo alagado. E, naquele momento, o rádio fazia a campanha [para os desabrigados]. Foi quando Gordurinha pediu licença e entrou com uma letra do “Súplica Cearense”. Leu e cantou naquele momento. Canário era um dos locutores que estavam participando daquela solicitação de pedir ao povo que colaborasse com os irmãos cearenses. Ele conta isso num programa nosso.

Havia entrevista ao vivo?

Sim. Tudo era ao vivo. Gravado e repetido depois. Mas toda a entrevista era ao vivo.

[Perfilino Neto] Era um gravador arcaico, que a gente chamava de fita de rolo da Basf, então a gente gravava isso, até porque, quando o censor chegava, queria que a gente levasse a fita com o gravador, então era obrigado a ter o gravador, porque censurava praticamente todo o nosso trabalho. Canário, inclusive, foi chamado algumas vezes para levar o gravador à Superintendência de Polícia Federal dirigida então pelo coronel Luiz Arthur de Carvalho.

Você se recorda desse período da censura? Como é que era a pressão de correr risco? Porque naquele período a tortura estava imperando. Tinha de medir as palavras?

Tinha, porque eles vinham de “butuca esbugalhada”, né? Porque eles estavam a fim de levar alguém. Mas como eu já estava a fim de não ir a lugar nenhum, misturava a linguagem e terminavam se dando por satisfeitos, agradeciam e iam embora.

O senhor pode nos contar de situações em que esteve com Antonio Carlos Magalhães?

Tive várias. Porque pela minha postura ele tinha admiração por mim. Então, era mais fácil essa convivência. Agora, havia dias em que ele estava “nos tomates” e não tinha contemplação com ninguém: “Vai pro diabo!”. Xingava palavrão mesmo. Então, já sabia disso, que nessas agonias ele se transformava mesmo e eu ficava na minha. Quando ele me chamava, queria que falasse alguma coisa, não sei o quê, eu falava moderadamente, claro, de acordo com o que ele queria. Porque eu não ia ser besta de contraditar. Porque ele me dava um tapa na cara e ia ser pior, né?

Tinha de ser diplomático, né?

É, tinha de ser diplomático. Tive uma convivência pacífica com ele. E ele, em alguns momentos, demonstrou algum afeto por mim.

O senhor foi assessor do BNH até a sua extinção.

Quando o BNH pediu “penico”, eu já estava mais ou menos apalavrado com a Caixa. Quando o BNH foi extinto, fui à Caixa trabalhar na assessoria de imprensa.

Fazia muita diferença sair da rádio com toda a liberdade para virar um assessor de imprensa ou de comunicação de uma instituição?

Para mim não fazia diferença. Porque tudo na vida, vocês sabem, depende da postura como você se dirige ao superior.

Perfilino se recorda de quando conheceu Canário?

[Perfilino Neto] Sim. Canário é de Senhor do Bonfim e eu sou de Juazeiro, cidades próximas. Então, a gente é predestinado, até porque ele começa no serviço de alto-falante e eu também, mas nós nos encontramos aqui, eu já era, inclusive, macaco de auditório, como se dizia na época, e



FOTOS: CÂNDIA VALENTE



▲ A equipe de amigos durante gravação da entrevista.

◀ Reverência de Ernesto Marques ao ícone da radiodifusão baiana.

continuo sendo até hoje dele. Então, ouvia muito Canário, e nós nos conhecemos quando ele foi para a Rádio Cultura no final da década de 50. Depois, a gente então se reencontra também na Rádio Cultura, já na Graça. É a partir daí que nasce esse relacionamento entre nós. Sempre tivemos um relacionamento de irmãos. Tenho hoje 66 anos de radiojornalismo. Digo radiojornalismo porque o faço desde o momento em que me apaixonei pelo rádio. Digo radiojornalismo também porque o rádio já nasceu predestinado a fazer jornalismo.

Canário é uma referência para você então?

[Perfilino Neto] Canário sempre foi referência. Sempre foi adorado por todo mundo. Inclusive, quando chegava aos locais, as pessoas o identificavam. Uma vez, ele esteve no Baneb, na Rua Carlos Gomes, e eu estava com ele. Ele talvez não recorde isso. E, quando ele deu boa tarde no caixa, uma moça que estava próxima, querendo entrar no caixa, disse: “O senhor é o Manoel Canário, né?”.

Você tinha uma referência de as pessoas o conhecerem por causa da voz. No rádio, não aparece a cara. E essa mudança, você viu a chegada da TV e então a rádio ganhou uma nova dimensão, quer dizer,

não perdeu o seu lugar, mas foi mexida pela presença da TV.

Foi. E eu me aproveitei. Quando a televisão começou a ser mais popular, peguei uma lasquinha e me fiz locutor. E a Cultura então me contratou como locutor.

O que o marcou nesses anos de rádio?

O que me marcou, que não poderia deixar de ser, foi um conhecimento com o governador da época, Lomanto Júnior. Era um cara excepcionalmente humano e natural. Ele nos permitia tratá-lo como um simples cidadão. Eu mesmo me aproveitei disso quando passei a chamá-lo de cidadão, senhor, em vez de governador. E ele dava muita risada quando falava com ele: “Ah, governador”. Ele dizia: “Eu gosto que você me chame assim, de governador, porque fica bonito”.

[Perfilino Neto] A morte de Kennedy, ele deu muito emocionado. Tenho essa gravação. Isso faz parte da minha doença pelo rádio. Acredito no rádio porque é um veículo da imaginação, é por isso que Manoel Canário está aí. Ele era conhecido, não aparecia na televisão porque não havia televisão, não havia visual. Mas ele penetrava na imaginação do ouvinte. Acredito no seguinte: acho que o rádio sempre vai ser um veículo imbatível. Porque, enquanto houver imaginação, vai haver rádio. ■



auditório
SAMUEL CELESTINO



Associação
Bahiana de
Imprensa

TRAGA SEU EVENTO PARA O CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR.

Um espaço multiuso, climatizado, ideal para encontros corporativos e atividades culturais.







Fotos: Paula Fróes

Quem passa por aqui se encanta com essa vista!

FAÇA A SUA RESERVA
(71) 9 8426-1460 | secretaria@abi-bahia.org.br

 Salvador, Edifício Ranulfo Oliveira, Rua Guedes de Brito, 1 – Praça da Sé

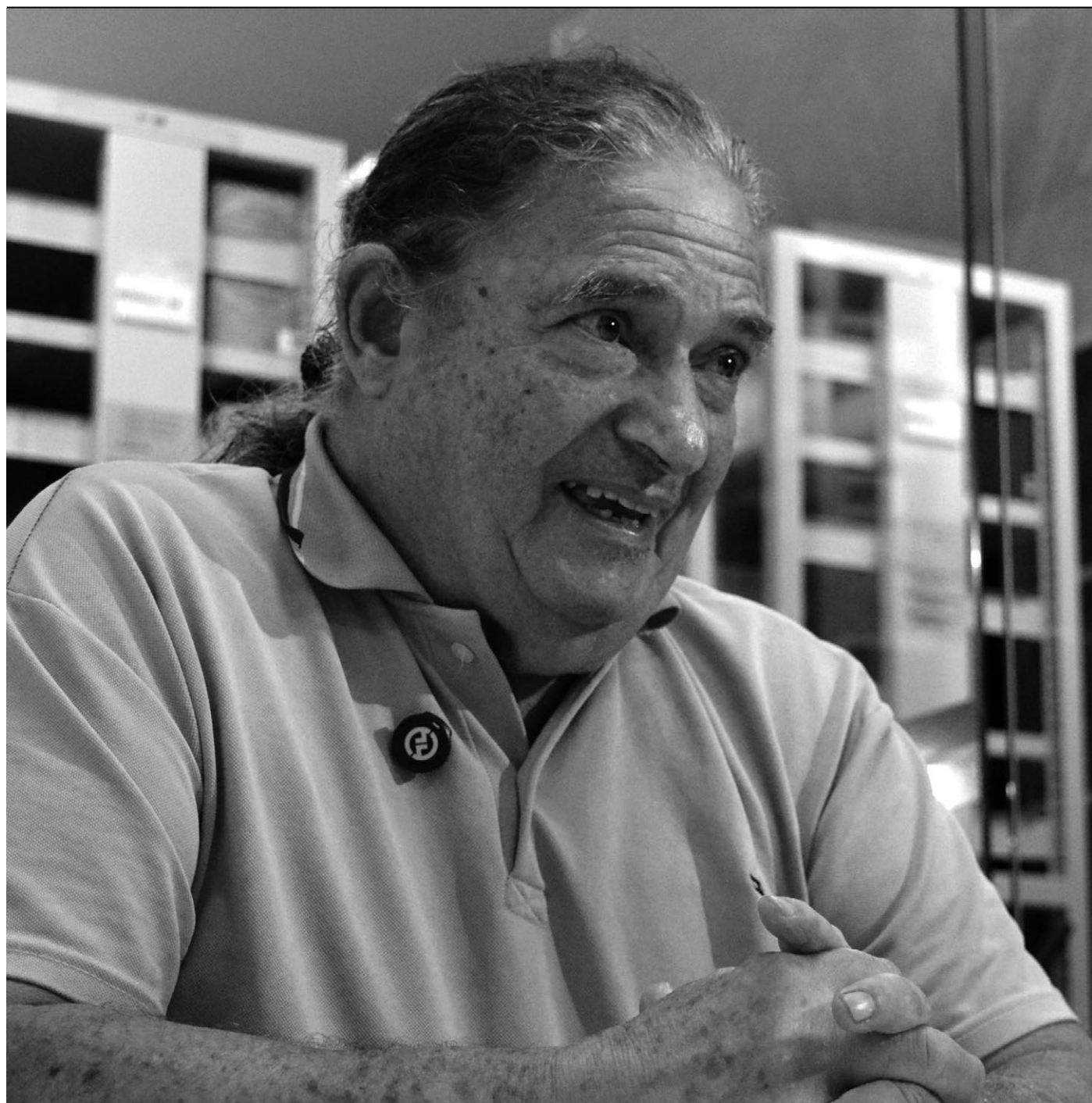


FOTO: CAIO VALENTE

Paulo Setúbal era um daqueles garotos que adoravam desenhar, mas percebeu desde a infância que a arte moldaria sua trajetória de vida. À medida que os desenhos agradavam a professores, colegas e amigos, foi aperfeiçoando a técnica. Quando se abriu para o mundo, descobriu que gênios também amavam a ilustração: Borjalo, Ziraldo, Millôr Fernandes e Jaguar foram as referências do garoto que nasceu em Candeias, região metropolitana de Salvador, mudou-se com a família, ainda criança, para o interior de São Paulo e retornou à Bahia no início dos anos 70, adulto, para se tornar um dos principais ilustradores do estado trabalhando no Jornal da Bahia, Tribuna, Correio e jornal A Tarde. Nesta entrevista, conduzida por Kau Rocha e com as participações de colega ilustrador João Gentil, Ernesto Marques, Nestor Mendes Júnior e Biaggio Talento, Setúbal fala de sua passagem pelas antigas redações de jornais diários de Salvador, experiência que amou.

Paulo Setúbal

*Sempre procurei ir
um pouquinho
mais além
e satisfazer a necessidade
que tinha o editor.'*

A história da infância e suas origens.

Sou baiano de Candeias, meu pai era da Petrobras. A gente tinha uma vida muito legal. Era uma época em que não tinham inventado sequestros, pedofilia. Quer dizer, a gente sabia que existia, mas não era o que é hoje. A gente era livre para andar pela cidade, menino de dois, três anos. Ia sobretudo ao cinema, porque meu pai não era uma dessas pessoas que às vezes cobram, quando é muito religiosa ou moralista, ou quando é muito preocupado com o futuro do filho. Então quer proibir de ler. Por exemplo, história em quadrinhos era uma coisa proibitiva. Meu pai era um cara que lia muito. Tanto é que o escritor de que ele gostava era Paulo Setúbal, o paulista, e meu nome é uma homenagem a ele. Então, uma vida muito prazerosa, aprendendo muito no contato, na escola e com a liberdade que a gente tinha. Todos os domingos, a gente ia ao cinema, assistia àqueles seriados famosos norte-americanos e aos filmes nacionais. Isso já ia para a minha cuca. Na escola, começava a fazer desenhos e essas coisas repercutiam bem

lá. Os colegas gostavam, as professoras gostavam, me viam com simpatia. Isso me dava um certo *status* entre os alunos, pelo fato de saber desenhar tão bem. De repente percebi: vou seguir nesse caminho. Também procurava reproduzir cenas que via nos seriados, filmes de banguê-banguê principalmente. E foi entrando na minha alma aquela coisa do desenho, até a gente se mudar de Candeias, porque meu pai era paulista, quis voltar para São Paulo e levou a família. Fomos morar no interior: Bauru, São José do Rio Preto e, principalmente, numa cidadezinha chamada Pindorama. Nesses lugares, eu desenvolvía o desenho na escola, fazia trabalhos para colegas, ganhava já um dinheirinho. E fui fazendo histórias em quadrinhos. Comecei a pintar. Ninguém me ensinou isso. Cheguei a Pindorama por volta de 1960 vindo de Bauru. Em Pindorama, passei por uma série de complicações: o falecimento do meu pai, minha mãe ficou sozinha, uma dureza danada comigo e mais três irmãos. E a gente acabou indo para São Paulo [capital].

Com que idade você chegou a São Paulo?

Antes dos anos 70, sou de 1949. Então, com a mudança para São Paulo, procurei aperfeiçoar o desenho, já com um aspecto mais profissional. Procurei Jayme Cortez, que era um grande desenhista, um português que trabalhou com Maurício de Souza e é um ícone dos quadrinhos brasileiros. Ele falou assim: “Seu trabalho é bom, mas precisa de uma escola”. Assim, fui fazer a Pan-americana de Arte. Fiz três anos. Depois entendi que um diploma não me serviria de nada. Nunca fui buscar o diploma. Você saca que é só a prática mesmo, é você se jogar, se debruçar. Fui evoluindo, gostava demais, uma paixão, o desenho. E, com esses contatos que fiz com profissionais, aprendi como é material profissional, porque não tinha noção. Fui melhorando, mas não fiz nada profissional em São Paulo. Participei de alguns salões e tudo, mas sem grandes resultados.

Você fazia o que nessa época?

Fazia o cartum. Porque nessa época já havia o Pasquim, que era o grande norte que a gente tinha. Ainda jovem, existiam as revistas como O Cruzeiro, Manchete, então havia os cartunistas lá, o Ziraldo é dessa época, e a gente babava vendo aquilo. Havia o Millôr Fernandes, o Borjalo, Fortuna, Jaguar. Desse pessoal, acho que a maioria vinha do desenho europeu. Influência de europeu, tanto no modo de fazer humor como no modo de desenhar, embora cada um tenha seguido o seu estilo. Ziraldo hoje com o *status*, a força que teve em toda a imprensa, não só como desenhista, como jornalista, como escritor, como autor de peças e tudo mais, deveria ser mais falado, mais lembrado. Desde o começo fazia cartum, charge e história em quadrinhos, que já é uma outra linguagem.

Você falou dos salões de São Paulo, dessas referências que você tinha, mas tudo isso antes de estar profissionalizado?

É, antes. Como gostava muito de cultura, foi entrando em mim e achei uma certa facilidade, nunca me atrapalhei com a linguagem, falava charge, que é uma coisa mais ligada a um fato mesmo, recente, acontecido, e o cartum uma coisa mais generalizada, uma situação. O quadrinho também que é uma outra linguagem. Por exemplo, trabalhando com quadrinho, de repente entendi que o quadrinho que você faz para humor é um, o quadrinho que você faz para terror é outro. Você se adapta às linguagens.

Existe alguma dessas figuras que influenciou você?

Por incrível que pareça, isso é a coisa mais ligada à Bahia. Até então foi aprendizado para mim. Eu não tive um lastro de trabalho profissional em São Paulo. Houve essa coisa do Jayme Cortez e outras pessoas. Um cara chamado Ignácio Justo tinha um

desenho muito bonito, muito forte e ele dava dicas para as pessoas novas. São Paulo, no entanto, começou a ficar muito grande para mim, meio opressor. De repente, gostava de São Paulo, mas, ao mesmo tempo, achava uma cidade muito grande e comecei a vir à Bahia de férias e acabou que vim morar aqui. Trouxe um dinheiro de uma indenização, fui vivendo com ele e falei: “Pô, mas do que vou viver aqui?”. Então conheci um cara que era entalhador e pintor. Comecei a dar minhas “cacetadas” na pintura, mas não tinha tanto traquejo com as tintas. Meu trabalho sempre foi preto e branco. Partindo dessa coisa de fazer a pintura, produzia os quadros e os vendia. Era o meu próprio *marchand*, uma espécie de camelô. A gente descia para a Cidade Baixa, para o Comércio, e entrava naqueles escritórios de profissionais liberais para vender os quadros. Não era uma fortuna, dava mesmo para, sei lá, 15 dias, um mês. Ele me abriu os caminhos.

Como é o nome dele?

Ele assinava Lima e era uma figura baiana pitoresca. Fui morar com a família dele. Fiquei morando não sei quanto tempo, assim, como se fosse um irmão.

Que idade você tinha?

Por volta de 20 anos. Cheguei a Salvador em 74. Essa coisa da pintura era instável como a zorra, então procurei, no Jornal da Bahia, um cara chamado José Lopes Cunha. Ele era editor do Suplemento de Cultura. Dei uns desenhos, uns cartuns a ele, que gostou. Pagou. Não lembro quanto. Mas para mim foi



FOTO: CINO VALENTE

Era o meu próprio marchand, uma espécie de camelô. A gente descia para a Cidade Baixa, para o Comércio, e entrava naqueles escritórios de profissionais liberais para vender os quadros.



FOTO: CINO VALENTE

Comecei a ter contato com a redação e me apaixonei logo de cara. E era uma gostosura, ainda mais a Tribuna, um ambiente libertário.

uma fortuna, fiquei rico [risos]. Então ele publicou e achei aquilo o máximo dos máximos, ver o meu trabalho publicado em um jornal. Foi a primeira vez.

E você lembra sobre o que versava?

Nada político. Mas não lembro se tinha alguma coisa política ou não, como eu já estava influenciado pelo Pasquim [O Pasquim, semanário alternativo (1969-1991)]... Sei que foi aceito. Aquilo me deu um gás, um entusiasmo. No ano seguinte fui à Tribuna da Bahia, levei um portfólio, um monte de trabalho e botei na mesa do doutor Antônio Walter Pinheiro e ele, quando viu as caricaturas — pois não havia na Bahia, sou um pioneiro —, disse: “Aqui na Bahia ninguém faz isso [estilo *Portrait Charges*]”. Então encomendou: “Ah rapaz, a Tribuna vai lançar, será uma marca da Tribuna, a caricatura”. Deu um monte de personalidades para fazer. E me desenvolvi naquilo, fiz um monte, fui trabalhando lá, mas como *frila*.

Qual foi o primeiro, a primeira personagem que você caricaturou publicada na Tribuna?

De todo mundo da política local existia, mas não sei por que ficou na minha cabeça o Idi Amin Dada, ditador sanguinário [de Uganda]. Comecei a ter contato com a redação e me apaixonei logo de cara. E era uma gostosura, ainda mais a Tribuna, um ambiente libertário. O Joaci Góes, na época, que era o diretor, estava fazendo oposição a Antonio Carlos Magalhães. Então havia uma turma maravilhosa, de gente irreverente, alguns viraram uns caretas não sei por quê. Passaram para o outro lado, talvez pelo

dinheiro, sobrevivência, família, sei lá o que justifica isso. Mas dei muita risada ali. Basta dizer que meu redator-chefe era o “Risadinha”, João Ubaldo Ribeiro, que tinha esse apodo porque ele ficava no aquário [sala] dele e era fã do Chico Anysio. Então alguém ia lá chamá-lo. “Ó, tá passando aí o Alberto Roberto [personagem do Chico Anysio]”. Ele já vinha rindo, atravessava a redação, gargalhando para assistir no outro aquário, onde ficava a televisão. Imagina, esse era o chefeão.

A redação de hoje não é igual. Como era a redação daquele período?

Na verdade, eram mesinhas pequenas, onde cada um ficava com sua máquina de escrever. Um barulho, o pessoal fumando, bebendo café adoidado. Havia uns que botavam lá uma caninha, um negócio. Mas o jornal saía, era bom, entendeu? Um pessoal de um texto maravilhoso, talvez essa irreverência até explique isso, porque os caras tinham uma cabeça maravilhosa. E politicamente todos eram com tendências mais esquerdistas. Havia comunistas, de fato, e havia o pessoal que era de esquerda mesmo, sem essa de partido. Porra-louca era o que mais tinha.

Querida que você falasse de Lage, que é muita referência em seu trabalho.

O Lage é uma referência para todo mundo, porque era bom demais. Cartunista, ele tinha uma coisa de você ficar com inveja. Eu tinha meus mecanismos de fazer cartum. Então, não sei até onde eu acertava bem. Aquele jogador que dá um chute fora da área, bota três por cima da trave, de repente, acerta uma no ângulo. Mas Lage não. Acertava todas. Era um cara supercriativo e bem-humorado. Lembro uma vez que Lage estava na prancheta e cheguei: “Me arruma aí cinco contos”. Era dinheiro pra caramba. Ele não era de muita conversa. Tirou do bolso e me deu os cinco. Quando olho a tirinha dele, ele bota o personagem: “E aí, velho, me dê esses cinco contos aí, vá”. [risos] Era eu! Filho da mãe! [risos]. Ele botava as coisas, as aventuras dele e dos amigos também. E, fora da Tribuna, a gente fez muitos trabalhos *freelancer*. Trabalhei muito com ele, para fazer cartilha para a Coelba, prefeitura, sindicatos, políticos da esquerda. Era uma época especial, não sei, deve ter havido coisas ruins, sempre há, mas a gente acaba *glamourizando*, só vejo coisas muito boas. Foi a época também em que, além de Lage, conheci Gutemberg Cruz, Nildão. Lage e Nildão são duas pessoas que me ensinaram demais.

Na Tribuna, ficou quanto tempo?

Uns dois anos. Em seguida já chegou o Correio da Bahia, jornal do maior direitista baiano de todos os tempos, que era o Antonio Carlos Magalhães... Em 78 fui para lá, não sei se o jornal saiu em 79. Porque a gente ficou um tempo lá dentro, produzindo.

Ainda da década de 70, você estava falando da Tribuna, como era o clima da ditadura, a influência da censura, como isso circulava dentro da redação?

Não fui ameaçado diretamente pela censura. Já estávamos em um tempo de abertura, 75 já era início. Então a barra não estava tão pesada. Porque mudou até a linha dos jornais.

Mas você nunca teve problema com as charges?

Não, não. O que lembro mesmo foi um cara, um radialista, não sei se era assessor do Bahia, fez algumas charges com [o jogador] Beijoca. Esse cara tomou as dores, rapaz. “Beijoca pode cobri-lo de cacete, pode arrasá-lo”, disse ele. Veio me ameaçar, o cara. Hoje ele estaria bem aqui no mundo atual, nessa direita radical. Mas foi a única ameaça.

Depois você vai para o Correio, um jornal controlado por ACM, sentiu muito essa mudança?

Naturalmente, sim. Mas não que isso fosse uma coisa muito agressiva, aquela coisa opressora. Eu sabia que não podia dar umas cacetadas nos alvos que gostaria, porque estava trabalhando para o cara ali, né? Devo ter tomado puxão de orelha, não estou lembrado. Mas digo o seguinte: o jornal, apesar de ser de direita, tinha uma relação com muita gente de esquerda. Não havia essa burrice atual. De você tirar, descartar um cara com competência por motivo político.

Ele [ACM] gostava disso, de trabalhar com comunista e esquerdista.

Sim, sim. Porque ele mesmo nunca apareceu lá. Mas o Luís Eduardo Magalhães ia lá direto, sentava-se à mesa e ficava batendo papo com o editor Pratinha, José Carlos Prata, que era do Partidão. Eu sabia qual era a dos caras, os caras sabiam qual era a nossa. E havia um respeito, uma aceitação.

Você, dentro do jornal, fez alguma caricatura que desagradou ao patrão?

Dei aqueles meus dribles. Bom, [eu pensava] não posso entrar nessa área aqui, isso aqui é meu emprego, meu ganha-pão. Então comecei a me jogar para o lado da ilustração. Aproveitei esse meu ecletismo, minha versatilidade, comecei a fazer mais caricaturas, mais retratos de artistas, de políticos. Isso já foi uma alternativa a mais.

E ilustrações para matérias do Caderno 2. Colaborava também com o jornal de esportes, porque sempre fui uma pessoa de gostar de trabalhar. Então acho que essa de ser multifacetado é que foi também me deixando [no trabalho]. Certa vez, ACM, ministro das Comunicações, queria falar comigo. Ele tinha um escritório perto do [jornal] A Tarde. Pensei: “Meu Deus, perdi meu emprego!”. Ele: “Faça uma charge, uma cacetada em Mário Kertész e em Juracy Magalhães”. Então eu fiz, pô velho, só há gente de direita, que maravilha, não tinha ninguém de esquerda. Peguei as fotos do Juracy com a bengalinha. Quando esse homem [ACM] viu o desenho da bengalinha, [disse]: “Ó! Essa bengalinha fui eu que dei para ele!” [risos]. É como se ele tivesse encomendado aquilo.

Fez com uma imagem decaída.

É verdade.

Jaguar disse que, quando a ditadura acabou, isso foi ruim para o Pasquim e para os chargistas de oposição em geral, porque todo mundo passou a dar pau no governo. Acredita que o fim da ditadura foi mau negócio para o caricaturista?

Não, na verdade não tem como, você não segura o mundo, o mundo vai mudando, se adapta. Já vi muita gente, esse pessoal mais retrógrado, ligado com música, ligado com humor, principalmente de televisão, se queixando muito de que hoje em dia não pode fazer uma piadinha com preto, que neguinho acha que você é racista. Não pode fazer uma piadinha com homossexual, que o chamam de homofóbico. As pessoas se adaptam. Os tempos não são mais aqueles, não permitem mais aquilo.

Realmente você não pode fazer humor com determinados temas. Tem de haver uma limitação.

Perpetua o preconceito. Então mudou, velho. E é uma bobagem, porque você pega, por exemplo, [o programa] “Porta dos Fundos”, há uma coisa nova ali. Eles até pegam pesado em tudo. Gosto muito, porque é o humor atual. Então, eles não entram da maneira como era abordado, feito o humor do “A Praça é Nossa”, por exemplo.

No livro “Feras do Humor Baiano”, você é descrito como jornalista, ilustrador, caricaturista, chargista, cartunista, cronista, artista plástico, publicitário, quadrinista

e ator. Gostaria de saber mais sobre sua faceta de ator.

Quando comecei a me aproximar do teatro, produzi meio que como fazendo cartaz. Só que já gostava daquilo também. Existiam alguns grupos de amigos amadores que me chamaram. E comecei a fazer algumas peças, cheguei até o profissional, atuei no Teatro Gamboa, [com] Nilda Spencer, uma estrela do teatro, Alvinho Guimarães, uma potência também, um diretor, produtor cultural.

Qual foi a peça que você chegou a fazer?

“O Preço da Revolta no Mercado Negro”, direção de Eduardo Cabús.

Você chegou a montar um ateliê nos anos 2000?

Peraí, dê licença, porque também fui ator de cinema. Trabalhei com Nelson Pereira dos Santos, como figurante [no filme Tenda dos Milagres]. Nilda me emprestou um chapéu-coco, você bota um terno, uma gravata, passa 3, 4, 5 dias filmando, depois neguinho corta você no copião. Então, não apareci. E outra coisa: fui “ofuscado” por um jornalista, que também tinha essa coisa de ser ator. Esse cara roubou a cena: Gutemberg Cruz Andrade. [Na cena] O ator está falando e passa aquele estudante, quem é? Gutemberg.

E as publicações independentes que fez com os colegas?

Lage e companhia estavam saindo, porque havia um suplemento na Tribuna chamado A Coisa, que estava acabando. Sempre há problema de grana. E o próprio linguajar de humor às vezes ofende alguém. A Tribuna não queria mais manter e eles começaram a fazer um jornal independente chamado Coisa Nostra. O [A] Coisa passou a ser Coisa Nostra. E fui chamado para estar ali com eles. Só que com as dificuldades de grana, mercado, a gente nunca teve traquejo. Você tem de conhecer donos de agência, políticos, não sei o quê, para você ter trânsito. E um carisma que lhe permita que as pessoas apostem em você. Senão você sobra. Então, esse Coisa Nostra durou pouco tempo. Depois eles tentaram — porque o pessoal também não é mole, cai e não aprende — com uma revista chamada Pau de Sebo. Nessa época que entrou o Cárcamo. E eu fazia história em quadrinho. Cada um com essa coisa da versatilidade, de mudar sempre. Quero sempre mudar. Para não ficar

rotina, você pega um cara com o desenho dele, em 1902, era de um jeito e 20 anos, 40, 50, 60 anos depois, o traço do cara é o mesmo. Então você não sabe se elogia ou se diz: “Pô, esse cara podia ter mudado um pouquinho alguma coisa”. No A Tarde mesmo, fazia cada coisa de um estilo diferente. Metia lápis de cor, lápis HB, tinta, *ecoline*, trabalho em cor. Foi uma época em que trabalhei lá, na era pré-internet, pré-photoshop, década de 90.

Quanto tempo você levou no A Tarde?

Uns 7 ou 8 anos, foi um bom período. Nesse tom, meu nome, nessa época, explodiu.

Conte um pouco dessa experiência. Você trabalhou com figuras como Florisvaldo Mattos, Chico Ribeiro Neto, Jorge Calmon, Cruz Rios.

Cruz Rios era aquele cara que passava dizendo alto que ninguém merecia ganhar mais ali porque o pessoal tinha de agradecer por trabalhar no jornal A Tarde, era uma honra. Não era brincadeira. Ele estava falando sério.

E Dr. Jorge o chamou algumas vezes na sala dele?

Era um *gentleman*. Ser humano fantástico. Então não havia esse negócio de você ser cartunista, chargista, você ser menos que um fotógrafo, menos que um repórter, entendeu? Por incrível que pareça, quando

ele me chamou, não foi por nada de errado. Mostrou-me uma carta de leitor. Mário Quintana dizia que pessoas que escrevem carta ao jornal é porque não têm namorada, não têm o que fazer. A carta era de um cara me pedindo desculpas, porque mandara uma carta anterior dizendo que fiz o retrato de uma colunista com o cabelo curtinho. Eu retratei todo mundo, a redação inteira com nanquim, bico de pena. Esse leitor pedia desculpas. Olhei a foto, porque não tinha visto a foto na qual ele se baseou para fazer essa figura. Acho que era Lillian Witte Fibe... Agora, quando olhei, ele foi em cima. Então, na outra carta em que ele havia me atacado, o Jorge não me chamou. Ele poderia ter chamado [e dito]: “O cara disse que esse seu trabalho aqui está uma porcária”.

E não havia alguma coisa dele tipo “Vá nessa linha”?

Não. A única outra coisa que houve foi um problema com um colega meu. Ele era cria lá de uma editora e abriram espaço para ele. Ele achou muito bom, porque havia algumas coisas que eu relutava em fazer [desenho] para essa criatura, que era meio brigona. Porque, aliás, em redação, foi tudo maravilha, falei da Tribuna e tudo, mas, depois, a gente contabilizando, há serpentes bem peçonhentas em redação. Cobras criadas, com as quais você tem de tomar cuidado, ver o caminho pelo qual você vai, para não dar de frente com essas pessoas.

Como foi a transição de sair do nanquim e cair dentro do computador?

Ah, rapaz, essa daí, para mim, foi mal, porque não peguei o ritmo das pessoas, pois justamente na época em que o computador estava chegando, fui nomeado juiz classista para um tribunal, em Juazeiro [BA]. Como estava ganhando sempre aquém, o meu salário nunca foi grande coisa, e apareceu essa oportunidade de ser juiz classista, pelo sindicato. Não briguei para ficar em Salvador, o que foi um erro, um vacilo. Passei seis anos em Juazeiro.

E essa experiência de juiz classista?

Você tinha de andar de terno, gravata, sapato de couro, essas coisas e tal. E se adequar a essa função que era tentar assessorar o reclamante, era minha parte. [Tinha também] O cara que era do empresário, do reclamado. A gente tentava auxiliar a juíza, mas, na verdade, ela tomava o espaço. Os juízes não davam muita trela para os classistas não. Acabava que a minha participação era pouca. Então, não foi uma coisa que tenha contribuído muito para o trabalhismo brasileiro.

Sua produção gráfica nesse período?

Com esse sossego que dava, intensifiquei minha produção de pintor. Comecei a participar de salões, rolaram prêmios como pintor. E comecei também a

FOTO: CAIO VALENTE



Quero sempre mudar. Para não ficar rotina, você pega um cara com o desenho dele, em 1902, era de um jeito e 20 anos, 40, 50, 60 anos depois, o traço do cara é o mesmo.

ilustrar muito livro, que é uma coisa que adoro. Aca-bei fazendo amizade com muita gente. Por falar em amizade, ainda no A Tarde, como a repercussão do jornal era enorme, você só sai na rua e não é reco-nhecido porque não sai sua foto. Então começou a aparecer gente para elogiar, para pedir alguma par-ticipação, alguma colaboração e amizades de vários artistas que fiz como Calasans Neto e o principal, Jorge Amado, porque trabalhei com Flori [Florisval-do Mattos], editor de um caderno de Cultura. Fazia muita capa, a gente se dava muito bem.

E Jorge Amado?

Numa ocasião, Jorge Amado estava recebendo Dias Gomes [romancista, autor de telenovelas], que ti-nha sido eleito para a Academia Brasileira de Letras. Então o Flori fez uma matéria sobre isso e fez a cari-catura de Jorge Amado recebendo Dias Gomes. Ele com o fardão, aquele chapelão, e Dias também. Jor-ge Amado adorou. Ligou para o jornal, perguntou se eu cederia o original. “Claro, de boa”, respondi. E me propôs: “O que eu posso te dar em troca é um dos meus livros. Qual que você quer?”. E autografou um livro. Eu o tenho até hoje. Mandou o motorista dele a minha casa buscar o desenho. Depois me chamou na casa dele, não lembro o pretexto, não sei se foi uma reportagem ou se ele convidou. Um cara assim, gente finíssima. Aquela coisa baiana, baianidade nagô, a baianidade que eu espero que continue, deve continuar. Por mais que o mundo esteja castigando a gente, acho que essas coisas preservam, existe um atavismo. Acho que passa de pai para filho. Depois a gente ficou em contato. Não frequentava a casa dele como amigo, mas mantinha uma cordialidade. Quando ele ia à Europa, me trazia cartazes, livros. Fiquei amigo do ilustrador dele, o Floriano Teixei-ra. Ele era meu fã também, pô, um cara desse meu fã? Então fiz amizade com o Floriano, que era meu vizinho no Rio Vermelho. Volta e meia ia lá, porque gostava do papo dele, além de ver os trabalhos dele lá. O cara era uma fera, um traço maravilhoso. Tenho até uma influência dele em alguns trabalhos. Porque sou meio camaleônico.

Em 2006, Lula chamou ACM de hamster e ACM chamou Lula de rato. Na época, na editoria de Po-lítica do A Tarde, pedimos a Gentil que fizesse uma charge para ilustrar a matéria, cada um com suas respectivas caras. Dias depois, numa borracharia na Vasco da Gama, em vez da tradicional foto de mulher nua das borracharias, a página com as ca-ricaturas é que estava pendurada na parede. Você tem essa percepção de que o ilustrador atinge o grande público?

Houve um acontecimento que se deu comigo. Eu pe-gando o “buzu” e vejo lá uma caricatura de esporte. E sei que atinge mesmo. Como eu fui atingido. Sou profissional hoje por conta de ter sido atingido por

essas pessoas, gente maravilhosa: Ziraldo, Millôr Fernandes, Henfil, Jaguar. Então mexe com você. Lembro que visitei a casa de uma senhora no Campo Grande e ela tinha simplesmente dois quadros origi-nais de Di Cavalcanti na parede. Fiquei impressiona-do. Foi uma coisa tão marcante para mim. Foi, como diz o poeta, o alumbramento. E da mesma forma que sou tocado por essas coisas, o público também é. En-tão Gentil também deve ter se assustado com a res-posta do público em relação ao seu trabalho.

É verdade.

Se você faz uma exposição, as pessoas o abordam, dizem que o trabalho que você fez lá não sei o quê. Amam, são apaixonadas por aquilo. Agora, a minha ida para Juazeiro e o advento do computador, da ele-trônica, do virtual, das redes, já me pegou no contra-pé. Quando voltei a Salvador, tentei ser inserido no A Tarde. Naquele momento, já havia sido mudado um pessoal da direção. O Dr. Jorge Calmon não esta-va mais lá. Já tinham saído alguns editores. Dos que ficaram, esperava um respaldo maior, que a pessoa pedisse por mim e tal. Não houve muito disso. E daí foi que acabei cobrindo férias uma, duas vezes. E só fui aprender um pouco de computador, um pouco de *photoshop*, na raça, com a ajuda de amigos. Mas não sou exímio. E fico até feliz porque vi, por exemplo, o Cau Gomez, que é uma fera, vai muito pelo desenho que faz. Acho que a técnica dele é fazer primeiro no lápis e em seguida colore e tal, depois vai para o com-putador, dá uns tratos e tudo, mas ele não é aquele pessoal que faz, por exemplo, com essa tal de inte-ligência artificial que está surgindo, que parece que não há ser humano por ali, por detrás. Enfim, quan-do você está no jornal, começam a chover pedidos de trabalho de tudo que é lado. Quando saí, mantive ainda por um certo período esses contatos, mas fo-ram diminuindo. Você está fora de jornal, seu nome vai meio que se escondendo, se apagando. Então, os trabalhos vão desaparecendo.

Não pensa em fazer algum projeto pessoal?

Sempre fui muito ruim nisso. Nunca tive muita ini-ciativa para essas coisas. Centrei sempre na arte e essa parte faz falta. Acho que o que aconteceu tam-bém é que, em um certo período, você vai se distan-ciando de amigos. Morando longe, você não frequen-ta nenhum lugar comum em que a gente se encontre. Porque um amigo sempre lhe dá dica: “Ó, meu ir-mão, você tem de participar de tal coisa”. Não tenho muito isso. Hoje em dia, realmente ficou difícil para atuar. Consegui aposentadoria, mas tive muito medo quando entrou o Paulo Guedes [ministro da Fazenda do governo Bolsonaro]. Houve ameaça, a dificuldade que ia haver [para se aposentar], então aceitei logo ser aposentado por tempo de serviço, o que me re-sultou no salário-mínimo, é o que recebo hoje em dia. Não acumulei bens. Se no auge [da carreira] já



▲ Setúbal: "Procurei fazer o melhor possí-vel [no trabalho]".

► Equipe da ABI e colegas posam com o cartunista após a entrevista.



não tinha muita facilidade para isso, com o passar do tempo e os jornais sumindo também... Claro que há alternativas, como a gente está falando. Vou ter de descobrir isso na marra e me lançar nas coisas, para poder aproveitar meu potencial. Sempre procurei me atualizar politicamente, ter leitura. Por mais que dê uma escorregada aqui e ali, você não vira uma pessoa ultrapassada. Então, li de tudo. E você dá uma qualidade maior quando tem uma cultura me-lhor. Você pode falar de duas, três coisas. Procurei ler

[Carlos] Drummond [de Andrade], Eça [de Queiroz], Luiz Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes, Bernard Shaw.

Qual foi o trabalho mais desafiador para você? Lembro uma vez em que me falaram no jornal que alguém tinha feito um texto extremamente sub-jetivo e você fez uma ilustração também. Então o cara falou: “Isso aqui não tem nada a ver com o meu texto”.

Esse cara era do jornal de domingo. Cheguei à reda-ção e esse rapaz tinha estilo acaciano, que é do per-sonagem Conselheiro Acácio, do Eça de Queiroz. E um negocinho bem rebarbativo, uma coisa chata de ler, enfadonha, pretensiosa. Todo domingo tinha de fazer a ilustração [do artigo] desse cara. O problema era ler, nem era desenhar. Então eu achava alguma coisa: isso aqui dá um caldinho, vou por aqui. Só que esse meu “amigo”, que era professor de ensino uni-versitário, mandou uma carta ao editor [de Cultura] Junot Silveira [dizendo]: “Estou com vocês com uma boa vontade, dou minha contribuição, mas você co-locou um ilustrador que não sei o que ele faz, porque isso não tem nada a ver com o que escrevo. Tá des-virtuando tudo”. Junot me deu para ler, para aprender a lição. Então copiei a carta e inverti: “Prezado Junot, tenho notado que essas ilustrações que faço no do-mingo e esse texto que o cara está fazendo não têm nada a ver com os meus desenhos e estão desvirtu-ando o meu desenho, estão não sei o quê e isso não pode continuar dessa forma”. E mandei para Junot. Ele queria me ferrar, porque ia ficar oficial se estives-se lá na mão, minha assinatura. Mas não deu, porque ele não captou.

Qual era o clima das redações?

Dessas redações todas em que trabalhei, o que acho legal é o seguinte: existia uma unidade com todas as diferenças possíveis que houvesse, para mim foi um caso muito positivo, me apaixonei por trabalhar em redação, gosto, fica para mim na minha memória, acho que deixou o meu legado na base do trabalho que fiz, procurei fazer o melhor possível, dar uma qualidade, nunca fazer uma coisa pela coisa. Sempre procurei ir um pouquinho mais além e satisfazer a necessidade que tinha o editor. De ter uma ilustra-ção assim ou assado. Então, para mim, redação foi superpositivo.

Como é que você vê o futuro do jornalismo e de todas as mudanças que estão acontecendo? E se você tem algum chargista ou cartunista e tal, que são da nova geração, de agora, que chamam a atenção?

Cau Gomez, ele já tem um tempo, mas ainda é novo. Hoje você não vê praticamente jornal impresso. Você vê essas coisas mais virtuais. Então, não tenho gran-des nomes de referência, mas talentos nunca falta-

ção. Agora, houve uma decepção para mim, nesse tempo moderno, de gente que se bandeou usando a arte para fazer os trabalhos que eram o oposto do que a gente fazia. A gente sempre teve aquela paixão pela esquerda, pela justiça social, pela igualdade, pelo tratamento melhor pelas pessoas e de repente nequinho “ponga” num negócio que é o oposto disso. A ignorância deles: “Não vi isso, não tô sabendo disso”. Tal político enganou os evangélicos, enganou não sei quem. Cara, é tão evidente o que esses caras estão fazendo. É igual ao momento que a gente vive, tentando sair dessa turbulência, de tudo ruim que o bolsonarismo instalou no país. Mas Bolsonaro jamais negou, é tudo explícito, se você pegar, vai uma culpa do nosso jornalismo também. Os caras não querem bater de frente. Engraçado que briga com a esquerda, mas não tem coragem de brigar com a direita. Tem um vídeo dele [Bolsonaro] dizendo que tinha de destruir tudo. Eu vi esse vídeo. Um papo cordial com a jornalista. A proposta dele era destruir tudo para depois construir, como se fosse derrubar um prédio para depois fazer novinho.

Mas é também um momento em que o bom jornalismo aparece porque nessa coisa da rede social, que é um território sem lei, o jornalismo tem credibilidade, apuração, rigor da informação, então acho que é um momento muito difícil, mas é um momento muito bom também.

Sim, sim, é uma boa visão. Embora a gente saiba que existe essa coisa de grana, de quem banca. Então, por exemplo, se o agro banca o jornal, o cara pensa duas vezes antes de dar uma notícia que vai ser contra. A gente sabe como é. Você vai ler o jornal, quando é um cara que é do interesse que você teme, esse cara, esse cara de esquerda, então você bota nome, sobrenome, os filhos que ele tem, tudo. Quando é um cara da direita, ou que é ligado a esse pessoal que está ganhando para eles, então você bota o indivíduo, o médico, o empresário, tira o nome e começa a usar subterfúgios. A gente sabe muito bem, jornalista lida com isso, né?



FOTOS: CAIO VALENTE

[Tenho um] Amor imenso pelo jornal, pelos amigos que fiz, não só o pessoal dos cartuns, que eram maravilhosos, mas os jornalistas.

Gonçalo Júnior, tem uma editora, Noir, que publica muita coisa de referência de quadrinhos. Ele já o convidou para publicar?

Gonçalo Júnior é mais apaixonado que a gente, ele tenta, dá cada murro em ponta de faca com essa editora. Fazendo trabalhos maravilhosos, carregando nas costas. Ele me falou: “Set, você tem de ser registrado, tem de querer fazer um livro seu, pegue seus materiais, mande para mim”. E nunca fiz essa coisa. Falei que mandaria, acabei não mandando nada. Porque também era uma coisa mais de registro, não de dinheiro. Então, realmente, não vejo no momento grande saída, a não ser que eu tenha de pegar um fôlego para fazer algumas coisas.

O seu último ciclo em jornal foi quando?

Acho que nessa minha saída para Juazeiro, porque, quando tentei voltar, não consegui, fui à Tribuna ainda, com toda a dificuldade. Falei com o Dr. Walter [Pinheiro], ele topou, mas alguém lá não topou. Há algum inimigo oculto. Um papo lá, que é até terrível, como se fosse que Lage era insubstituível e não caberia colocar outra pessoa lá. Ninguém me falou isso diretamente. Escutei aqui e ali.

Alguma coisa que você queira deixar registrada.

Só essa coisa de que tinha falado antes: meu amor imenso pelo jornal, pelos amigos que fiz, não só o pessoal dos cartuns, que eram maravilhosos, mas os jornalistas. Amigos maravilhosos, embora exista muita cobra peçonhenta, e a gente tem de pular aqui, pular ali. ■



ANUNCIE aqui



Associação
Bahiana de
Imprensa

Sob a inspiração dos antigos boletins impressos da ABI, e para contar a história da imprensa baiana, o Projeto MEMÓRIA DA IMPRENSA virou revista. O conteúdo principal são as entrevistas gravadas em 2 câmeras em 4K. Até esta edição a primeira seção de acervos digitais do Museu de Imprensa acumula cerca de 150 horas de boas conversas em 43 entrevistas. E serão mais 15, até setembro.

As gravações integrais destes depoimentos históricos e suas transcrições literais fazem parte dos acervos do Museu de Imprensa da ABI. Estão à disposição de pesquisadores, escritores e roteiristas.

O site oficial da ABI e sua extensão nas redes sociais, mais do que um veículo corporativo, se consolidam como referência de fonte para profissionais da comunicação baianos e também

de outros estados. Nós não somos os campeões de audiência na internet, mas somos lidos e dialogamos com quem é sucesso fazendo notícia nas mídias tradicionais e no digital.

Investir em nosso site, na revista MEMÓRIA DA IMPRENSA e em publicações como o Protocolo Antifeminicídio, é chegar chegando nas redações, agências de propaganda, faculdades de Comunicação e gabinetes dos 3 poderes.

É chegar ao lado de quem, há 94 anos, pra defender a democracia, faz história, valoriza o Centro Histórico de Salvador, preserva a nossa memória, produz e compartilha conhecimento e promove a cultura.

Mantenha esta chama acesa!

Anuncie aqui!

atendimento@abi-bahia.org.br

ANÍZIO CARVALHO



FOTO: VALBER CARVALHO

As lentes repousam,
a obra é imortal

Em conversas de pé de ouvido, já há algum tempo, o então presidente Ernesto Marques martelava uma ideia: a criação de um espaço, aqui na MEMÓRIA DA IMPRENSA, que eternizasse momentos de jornalistas em ação. Para mostrar às novas e futuras gerações como eram as antigas redações e os equipamentos que nós, verdadeiros dinossauros da comunicação, utilizávamos – hoje inimagináveis. Além de ilustrar as páginas da revista, essas fotografias enriqueceriam o acervo do Museu de Imprensa da ABI.

Durante o lançamento do número 8 desta revista, em julho deste ano, Ernesto tornou pública a ideia. Convidou colegas, que lotavam o auditório Samuel Celestino, a contribuírem para a criação da galeria batizada provisoriamente “A vida da gente não sai no jornal”. Convite aceito, a categoria se mobilizou. Um rico material nos foi enviado e a primeira série já se encontrava no corpo desta 9ª edição.

Mas...

Como se sabe, jornalismo é a arte de lidar com a imprevisibilidade. No dia 12 de setembro, segunda sexta-feira do mês, uma notícia triste mudou nossa pauta e nos levou a seguir um caminho talvez escrito nas estrelas. Ao findar daquela noite, o fotojornalista Anízio Carvalho, primeiro entrevistado da edição nº 1 da MEMÓRIA DA IMPRENSA, fechava os olhos para sempre.

Coube a Anízio inaugurar a revista três anos atrás. Cumpre-nos, por coerência, posicioná-lo como abrelatas desta galeria que se propõe a retratar jornalistas dentro e fora das redações. Neste passeio, vamos mostrar várias faces desse mago das lentes. Jovem ainda, de câmera em punho. Close da inseparável Rolleiflex, a mesma que lhe foi dada pelo mentor Leão Rozemberg como indenização trabalhista. Com Terezinha, um casamento de quase 70 anos. Pai de uma extensa prole (quatro filhos, três filhas). Posando com amigos do extinto Jornal da Bahia, nos anos 1980.

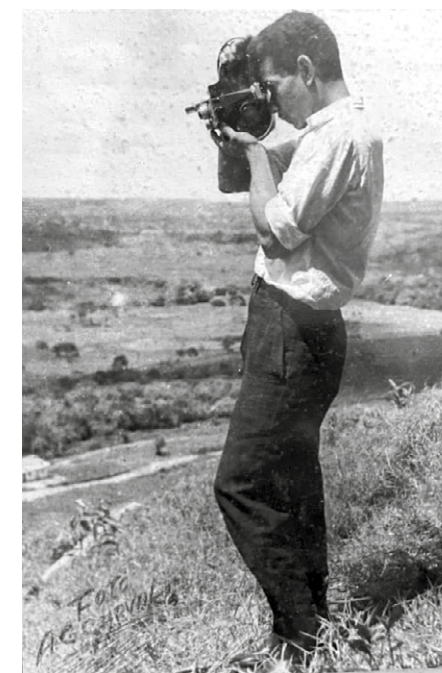
Há também *flashes* do merecido reconhecimento. Em 2015, agraciado por indicação da vereadora Aladilce Souza com o título “Cidadão de Salvador” – nascido em Conceição da Feira em 1940, fixou moradia na Soterópolis aos 14 anos. No início de 2022, entrevistado para a edição inaugural da MEMÓRIA DA IMPRENSA.

Esta galeria se completa com recortes da materialização de um sonho: a exposição “Ginga Nagô”, no Museu de Imprensa, em 2023 – curadoria do fotojornalista Manu Dias, com o apoio da equipe da ABI.

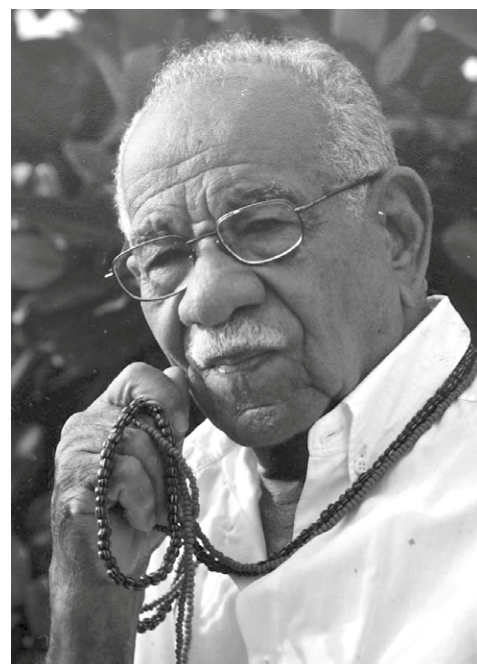
Não há palavras que definam a grandiosidade do trabalho de Anízio Carvalho. Por isso, recorremos a um registro histórico como ilustração. Em anúncio veiculado a 8 de dezembro de 1921, na revista *Printers' Ink* (1888-1972), o publicitário Fred R. Barnard utiliza a frase “Um olhar vale mais que mil palavras”, ao defender a importância da fotografia em conteúdos promocionais.

Fiquemos, pois, com o olhar de Anízio, eternizado em preto e branco. Não vamos nos demorar em palavras. As imagens falam por si da excelência de um gigante que desconhecia o próprio tamanho. Esta galeria é também sobre isso. Sobre legado. As lentes repousam, os olhos se fecham, mas a obra de Anízio Carvalho ficará para sempre.

Jaciara Santos



▲ Com antiga filmadora de corda



▲ Respeito à ancestralidade



▲ Com Terezinha, um casamento de quase 70 anos, e a Rolleiflex que o acompanhou vida afora



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



▲ Família reunida para celebrar o 84º aniversário do patriarca



▲ Anízio e uma de suas câmeras de estúdio



▲ Janeiro de 1981: ao lado de colegas do Jornal da Bahia, no Largo dos Mares, após batizado

FOTOS: VALBER CARVALHO



▲ Entrevista para o número 1 da MEMÓRIA DA IMPRENSA: contando e fazendo história



FOTOS: JOSEANNE GUEDES



▲ Maio de 2023: cercado por filhos e amigos, em visita à 'Ginga Nagô', no Museu de Imprensa da ABI



▲ Escolhendo fotos para exposição com Ernesto Marques

FOTO: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



▲ Filho de Conceição da Feira, Anízio torna-se 'Cidadão de Salvador' em dezembro de 2015

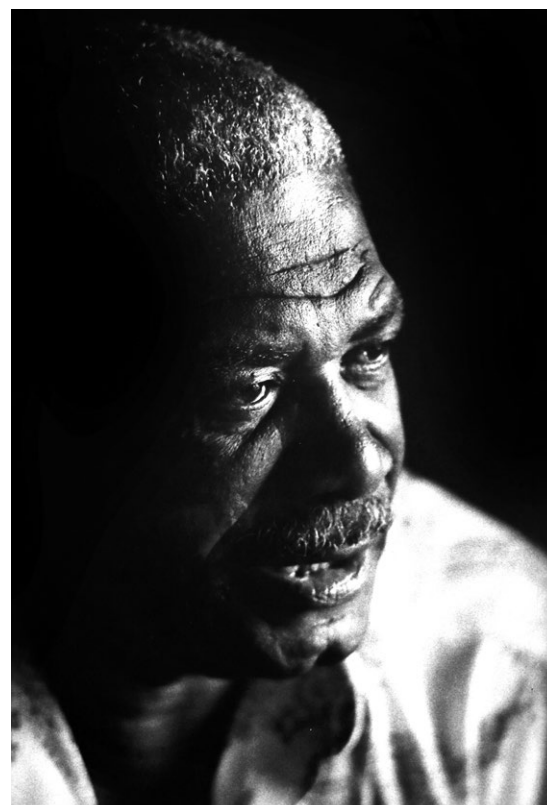


FOTOS: ROMILDO DE JESUS

Registros de um *fotógrafo genial*



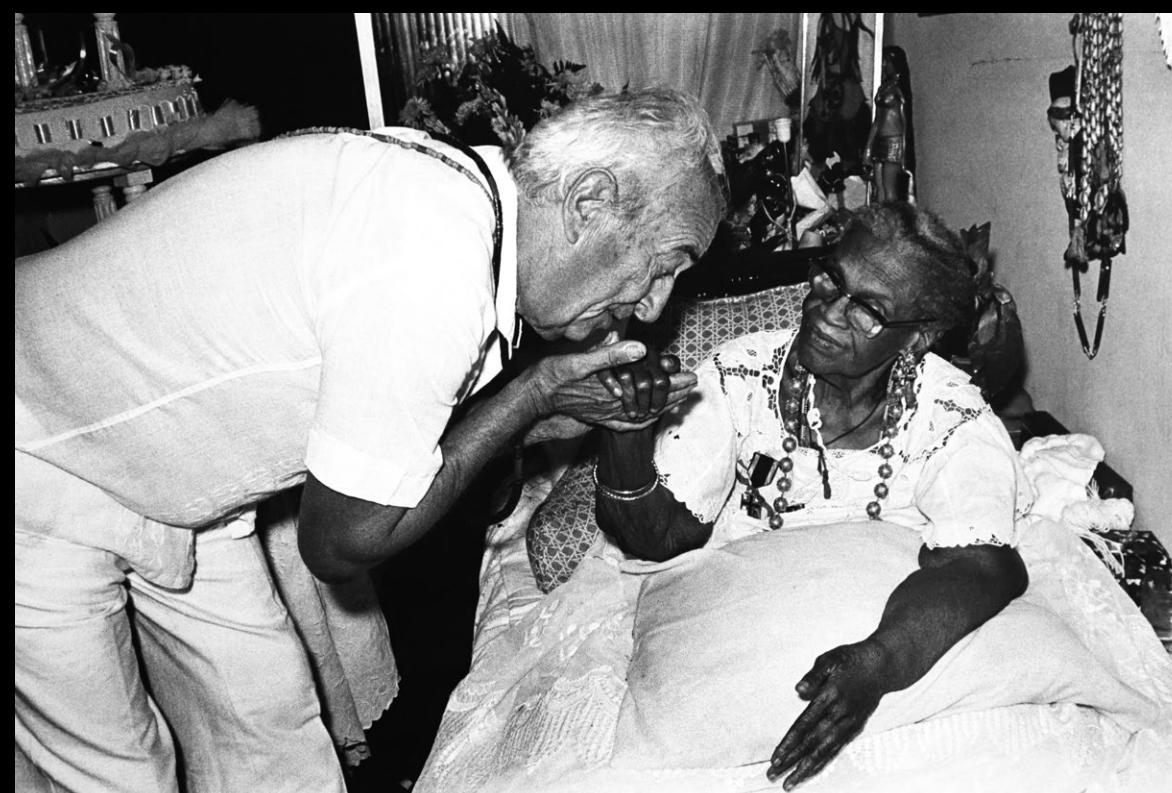
Baiana na Lavagem do Bonfim



Pai Luiz da Muriçoca



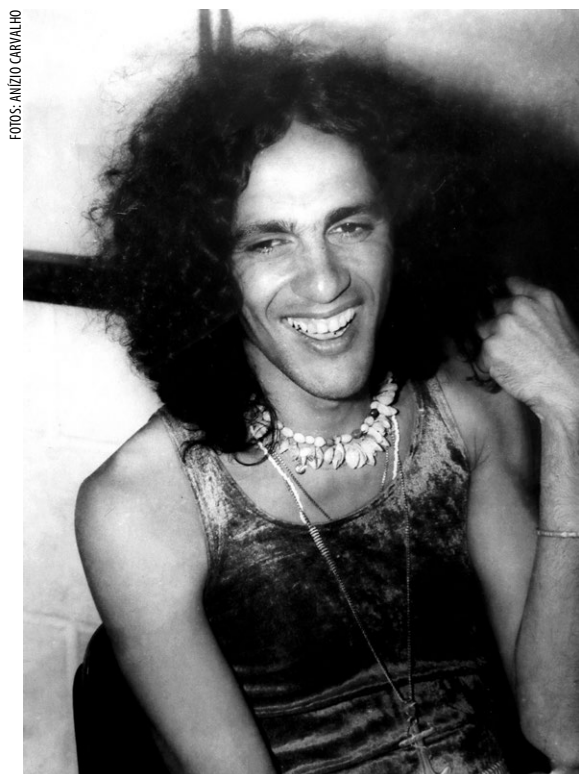
Presente para Oxum na Lagoa do Abaeté



Carybé com Mãe Menininha do Gantois



Mãe Stella de Oxóssi com Mãe Bida de Maragojipe



Caetano Veloso



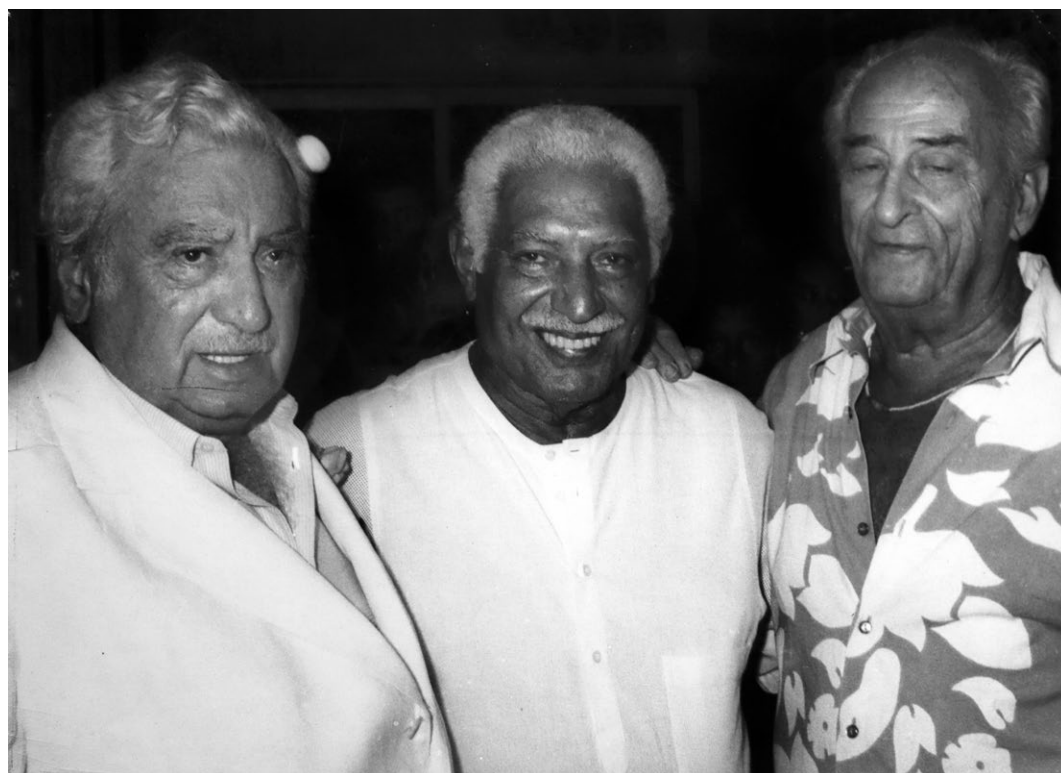
Maria Bethânia



Gal Costa



Gilberto Gil



Jorge Amado, Dorival Caymmi e o pintor Carybé



Vinícius de Moraes



Sônia Braga



*Martha Vasconcellos (Miss Universo 1968)
com o prefeito Antonio Carlos Magalhães*

FOTOS: ANÍZIO CARVALHO



Pelé



Rainha Elizabeth II, monarca britânica, visita o Mercado Modelo



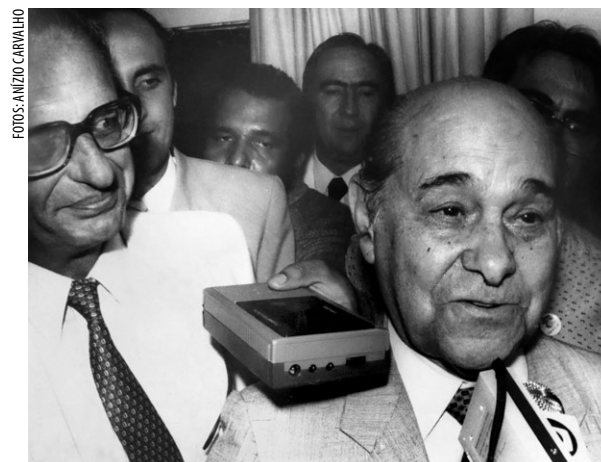
Papa João Paulo II



Senador Bobby Kennedy na favela de Alagados (Novembro/1965)



General Ernesto Geisel



Roberto Santos e Tancredo Neves



Presidente Getúlio Vargas



João Goulart autografa gesso de José Maria Alkmin, ao lado de José de Magalhães Pinto (com a mão no nariz)



Paulo Maluf e Luís Viana Filho

FOTOS: ANÍZIO CARVALHO



Menina lavando roupa na Lagoa do Abaeté



Lavadeira na Lagoa do Abaeté



Pescador em Itapuã



Desfile de Sete de Setembro



PM reprime estudantes durante a Ditadura Militar



Estudante preso em manifestação na época da Ditadura Militar

A gente sabe
o valor de quem
Empreende



www.sebrae.com.br 0800 570 0800

[in](#) [f](#) [v](#) [@](#)SebraeBahia



Uma empresa amiga

está sempre do seu lado.



Na hora
de montar
o seu look.

Já reparou que para quase tudo que fazemos precisa de energia? E, quando o assunto é energia, pode contar comigo: sua amiga de todas as horas. É por isso que investimos em inovação, sustentabilidade e temos o compromisso de fazer mais por você.



Na hora de
você curtir
um som.

propeg



E até
quando
bate aquela
fome.



Neoenergia Mais por você
Coelba